

ANELIZE CAROLINE SILVEIRA

**DEPENDÊNCIA DA INTERNET:
segundo a controvérsia com a Teoria Ator-Rede**

São João del-Rei
PPGPSI-UFSJ
2019

ANELIZE CAROLINE SILVEIRA

**DEPENDÊNCIA DA INTERNET:
segundo a controvérsia com a Teoria Ator-Rede**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Fundamentos teóricos e filosóficos em Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo

São João del-Rei
PPGPSI-UFSJ
2019

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo milagre da vida, pela presença contínua em todo o trilhar da minha caminhada. Por tudo o que sou, que me permite ser.

Aos meus espíritos de luz, pela proteção inigualável e a possibilidade de evolução.

Ao meu esposo, Felipe, pelo compartilhar de uma vida que tanto me ensina e por quem tenho uma admiração imensurável.

Aos meus pais, Angela e Vicente, por me mostrarem o mais puro amor, por aguçar, em mim, o lado humano da vida e enraizar-me os valores que, hoje, tanto prezo.

À minha família e amigos, pela torcida e orações.

À querida, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo, nossa Fatinha, por ser mediação, vínculo e guia o tempo todo.

Às minhas meninas, Janaína e Saionara, pelas aprendizagens compartilhadas e a amizade construída.

À UFSJ e à FAPEMIG pela abertura de caminhos e a possibilidade no avanço do conhecimento.

A tecnologia não é neutra. Estamos dentro daquilo que fazemos e aquilo que fazemos está dentro de nós. Vivemos em um mundo de conexões – e é importante saber quem é que é feito e desfeito.

Donna Haraway, 2009.

RESUMO

Anelize, C. S. (2019). *Dependência da internet: seguindo a controvérsia com a Teoria Ator-Rede*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais.

Neste trabalho, buscamos acompanhar a temática da Dependência da Internet e a construção de argumentos concorrentes que sustentam este fenômeno. Para a Teoria Ator-Rede (TAR), nossa abordagem teórico-metodológica, qualquer fenômeno pode ser compreendido a partir do seguimento dos atores – humanos e não humanos – na rede que o constitui. Por se tratar de um tema controverso, isto é, onde não há o consenso entre estudiosos e especialistas da área, trata-se de um momento privilegiado para testemunharmos as associações que são estabelecidas, assim como a diversidade e multiplicidade que caracterizam a possível dependência. Optamos por uma estrutura de texto narrativa com intenção de contar distintas versões sobre a Dependência da Internet e, para isso, vinculamos o que foi encontrado na revisão de literatura com as experiências pessoais postadas por usuários em redes sociais. Pudemos, assim, mapear e descrever como se articulavam os argumentos desta controvérsia. Verificamos que ainda não se tem uma posição definida sobre a existência ou não da dependência e que a ideia de uma relação entre homens e máquinas, sob o olhar da TAR, possibilitaria novas compreensões sobre o uso da internet. Uma vez que os atores interagem e se modificam constantemente, todas as afirmações e reflexões trazidas por este trabalho oferecem uma estabilização provisória do fenômeno investigado e não possuem a pretensão de padronizar comportamentos ou patologizar o uso.

Palavras-chave: Dependência da Internet, Controvérsias, Teoria Ator-Rede.

ABSTRACT

Anelize, C. S. (2019). *Internet addiction: following the controversy with the Actor-Network Theory*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais.

In this work, we seek to follow the theme of Internet Dependence and the construction of competing arguments that support this phenomenon. For the actor-network theory (TAR), our theoretical-methodological approach, any phenomenon can be understood from the follow-up of the actors - human and non-human - in the network that constitutes it. Because it is a controversial topic, that is, where there is no consensus among scholars and specialists in the field, it is a privileged moment to witness the associations that are established, as well as the diversity and multiplicity that characterize the possible dependence. We opted for a narrative text structure with the intention of counting different versions of Internet Dependence, and for this we linked what was found in the literature review with the personal experiences posted by users in social networks. We were able to map and describe how the arguments of this controversy were articulated. We have verified that there is no definite position on the existence or not of dependence and that the idea of a relationship between men and machines, under the watchful eye of the TAR, would enable new understandings about the use of the Internet. Since the actors interact and change constantly, all the affirmations and reflections brought by this work offer a provisional stabilization of the phenomenon investigated and do not have the pretense of standardizing behaviors or pathologizing the use.

Keywords: Internet dependence, Controversies, Actor-Network Theory.

SUMÁRIO

1 ESTABELECENDO CONEXÕES	07
2 ACOMPANHANDO UM FENÔMENO EM EBULIÇÃO	12
2.1 Um download na perspectiva da Teoria Ator-Rede	12
2.2 Construindo links com os atores-rede	16
2.3 Estratégias do seguir	19
3 CLIQUES NA TECNOLOGIA	24
3.1 A disseminação da internet	24
3.2 Os portáteis sedutores	26
3.3 Simetria entre homens e máquinas	28
4 UMA LITERATURA EM CONTROVÉRSIA	31
4.1 A Dependência da Internet em seu estado de magma	31
4.2 O excesso enquanto controvérsia	34
5 SOMOS TODOS RELAÇÃO	42
5.1 Bem ou mal vinculados?	42
5.2 O que os híbridos “fazem-fazer”	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	59

1 ESTABELECENDO CONEXÕES



Iniciamos esta dissertação com uma tira em quadrinhos de Mafalda¹, na qual o cartunista argentino Quino nos aproxima de um tema posto em ebulição nos dias atuais. Vemos na tira acima, no primeiro quadro, o pai fumando um cigarro. Em seguida, a filha pergunta inocente: “o que estás fazendo, papai?” O pai responde tranquilamente: “estou fumando um cigarro, por quê?” “Por nada, responde Mafalda, mas tive a impressão que era o cigarro que estava te fumando, mas não esquentá”. No último quadro vemos o pai extremamente aflito, cortando com uma tesoura, em pedaços, todos os cigarros restantes em seu maço (Latour, 2000a).

Porque o pai de Mafalda aparece tão apavorado, a ponto de usar de uma tesoura para dar fim a todos os cigarros que restaram na embalagem? Possivelmente, porque Mafalda usa de uma brincadeira verbal para chamar sua atenção para um tema relativamente novo, mas que vem despertando pesquisas e trazendo muitos argumentos divergentes. Na tirinha, o pai fuma o cigarro ou é o cigarro que devora o pai? Encontramos, nesta anedota, a temática do domínio (ou da dominação) e a do controle. O homem criou os cigarros e ao mesmo tempo eles ganharam autonomia, chegando, muitas vezes, a ameaçar sua própria saúde (Tsallis, Ferreira, Moraes, & Arendt, 2006). Para ter certeza que não mais seria dominado pelos cigarros, o pai de Mafalda corta em pequenas pontas o ídolo que, por agora, se torna uma ameaça e o coloca em uma posição de dominado.

De uma forma divertida, o episódio mostrado nesta tirinha da Mafalda, evocado por Latour (2000a), traz profundas compreensões sobre o mundo atual. Entre a primeira e a última vinheta, percorremos dois extremos: de início o pai acredita participar de uma relação com o cigarro, na qual possui plena dominância; no final, é o cigarro que o ameaça e o

¹ Essa tira em quadrinhos de Mafalda, personagem do cartunista argentino Quino, foi trabalhada por Bruno Latour (2000a), e também por Tsallis, Ferreira, Moraes e Arendt (2006) no artigo “O que nós psicólogos podemos aprender com a Teoria Ator-Rede”. Trata-se de uma tirinha divertida e provocadora para se pensar no sistema de relações que se manifesta em nosso dia-a-dia e nos vínculos que construímos no desenrolar de todas as nossas ações.

domina, a ponto de sua filha versar sobre “um cigarro fumando um homem”. Nos dois casos, o que percebemos é a manutenção da temática da dominação. Inicialmente, de forma ativa, um homem fuma um cigarro e no fechamento da tirinha, agora de forma passiva, um homem é fumado pelo cigarro.

Em linhas gerais, o que se transforma é a distribuição dos papéis, isto é, quem assume as funções de ativo e de passivo e em quais momentos. Esta anedota nos permite ampliar olhares e pensar outros fatos cotidianos, que também apresentam relações de possível dominação entre humanos e objetos. A temática escolhida para embasar esta pesquisa diz exatamente destas mediações. Optamos por acompanhar a Dependência da Internet² e como este tema vem sendo tratado pelos pesquisadores, usuários e estudiosos da área. Trata-se de um fenômeno atual que, semelhante à história dos cigarros, também permite argumentos distintos e compreensões sobre as noções de dependência e/ou dominação.

Ao voltarmos nosso olhar para o mundo contemporâneo, percebemos que este é caracterizado por uma nova relação do homem com o tempo, espaço, corpo, trabalho, natureza, artefatos e, também, com as máquinas. Segundo Escóssia (1999) as conexões estabelecidas com nosso entorno são, geralmente, marcadas por um acentuado antagonismo que se expressa, por um lado, em um otimismo exagerado em relação às supostas virtudes no progresso científico e tecnológico e, por outro lado, em um grande pessimismo, gerado pela ameaça da dominação técnica.

Nas últimas décadas, vários avanços tecnológicos ampliaram, em grande escala, nosso leque de possibilidades de atuação, criando a cada dia novas relações entre humanos e os objetos. O manuseio desses recursos e, no nosso caso, do acesso à internet, ganha novas dimensões à medida que o contato do homem com a técnica se intensifica. Acessar conteúdos, produzir material, editar e compartilhar informações textuais, visuais e sonoras, construir identidades *online*, contatar pessoas: essas são algumas vantagens trazidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e experimentadas, cotidianamente, por uma grande parcela da população, em especial, pelos jovens que participam e se desenvolvem em uma era digital, iniciada a partir da década de 1980.

Com a disseminação do acesso e as evoluções na internet, tem-se os questionamentos sobre como os humanos vem construindo suas relações com o mundo objetual e quais são os desdobramentos decorrentes deste vínculo. Logo aqui, gostaríamos de pontuar que, apesar dos argumentos divergentes e extremistas que perpassaram este estudo, nossa posição, em

² Incluo nesta terminologia todos os recursos que possibilitam o acesso a informações sobre e em qualquer lugar do mundo, como por exemplo, os telefones celulares, computadores, notebooks, tablets, entre outros.

relação às tecnologias e seus usuários, não se firma na ideia de oposição, nos elementos isolados ou, ainda, na relação de domínio de um sobre o outro. Falaremos de mediação, do quanto produzimos em algo e do que este produz em nós. Optamos por um caminho oposto ao da purificação da ciência e priorizamos atividades científicas que sejam delineadas por coletivos compostos de articulações entre humanos e não humanos, estando estes, organizados em rede. Talvez este seja um dos principais motivos da escolha de nosso referencial teórico-metodológico: a Teoria Ator-Rede, que será discutida adiante.

Ao versar sobre as novas tecnologias, especialmente o avanço e acesso à internet, vários autores (Rosado, Jager, & Dias, 2014; Guedes et al., 2016; Sá, 2012; Spizzirri, Wagner, Mossmann, & Armani, 2012) versam sobre as inúmeras facilidades que foram possíveis pela disseminação da internet. O mundo atual está marcado por uma nova ótica. A possibilidade de se comunicar, o alcance e a velocidade das mensagens, vídeos e imagens são inigualáveis. As pessoas podem ser encontradas a qualquer momento. De fato, houve mudanças significativas para a vivência dos indivíduos, principalmente na autonomia, mobilidade, liberdade e praticidade: todas estas tão necessárias à rotina contemporânea.

No entanto, também merecem espaço os estudos sobre as consequências negativas de um uso desmedido³ que ocorre quando os indivíduos se sentem tão atraídos por tal acesso que acabam realizando o abuso de suas funções, o que deixa de ser um comportamento visto como controlado e se torna uma preocupação na vida diária de indivíduos e suas famílias, como defendido por Fortim e Araujo (2013), Pirocca (2012), Young (2011), King et al. (2013). São levantadas hipóteses de uma possível dependência da internet definida como a incapacidade de controlar o uso desta ferramenta de forma saudável, provocando isolamento social, perda no desempenho acadêmico e escolar, queixas frequentes sobre o sentimento de ansiedade, retraimento, alimentação inadequada, entre outros (King et al., 2013).

Com tantas alterações nos costumes, hábitos e comportamentos pessoais, a frequência no acesso à internet aparece como interrogação sobre um provável excesso dos aparatos eletrônicos que nos permite pensar que o limite entre o uso e o abuso da internet é, atualmente, uma linha muito tênue (King et al., 2013). Por se tratar de um fenômeno recente, que ainda se encontra em aberto, nos deparamos com inúmeras controvérsias⁴. Por um lado,

³ A definição e explicação deste uso desmedido estará mais adiante.

⁴ As controvérsias são entendidas ou até mesmo definidas como debates ou polêmicas que se desenvolvem entorno de conhecimentos científicos ou técnicos e que ainda não estão totalmente estabilizados (Pedro, 2008, p. 87). Neste trabalho, optamos por seguir as controvérsias sobre a Dependência da Internet, travadas entre os atores envolvidos no fenômeno estudado, tal como propõe a Teoria Ator-Rede, conforme veremos no próximo capítulo.

alguns estudiosos versam sobre a existência da dependência da internet, classificando-a como patológica e até propondo tratamentos e intervenções; por outro lado, a internet se destaca como potenciadora de comportamentos, valores e evoluções pessoais. Entrar nesta rede e acompanhar o que existe por trás desta denominação - Dependência da Internet - é uma oportunidade ímpar para compreendermos como um fenômeno surge, como se desenvolve, como agrupa e distancia argumentos e como se estabiliza (ou se mantém em aberto a novos aprofundamentos).

O tema merece ser compreendido sem perder de vista toda a interatividade que o cerca. Segundo Guedes et al. (2016), há um interesse crescente pela temática, embora não se tenha construtos definidos para medir e acompanhar todas estas condições, seja pela dificuldade em se construir uma teoria base ou pela metodologia utilizada na coleta de dados. Analisar os possíveis impactos sociais, cognitivos e comportamentais trazidos pela era digital, mediante a convivência diária dos indivíduos com o meio *online* é de extrema importância para que possamos interpretar as reações mostradas, os hábitos modificados (King et al., 2013) e, ao meu ver, as controvérsias existentes.

Nos propomos, então, a acompanhar interrogações que cercam o fenômeno da Dependência da Internet e compreender como este acesso passou a ser considerado patológico, quais comportamentos são caracterizados como pertencentes a uma “dependência da internet” e quais são as vozes que versam sobre a dependência, ora sustentando-a, ora negando sua própria existência. No capítulo I, descrevemos as estratégias metodológicas utilizadas para seguir um fenômeno em ebulição. No capítulo II, trouxemos algumas evoluções das tecnologias, abarcando o acesso e as relações advindas da díade homem-máquina. No capítulo III, introduzimos o estado de magma que perpassa a Dependência da Internet, juntamente com as compreensões trazidas pela literatura sobre um uso desmedido destes recursos. No capítulo IV, apresentamos algumas associações entre os atores e vozes capturados neste cenário de ebulição e um pouco de suas percepções em relação à dependência. Das histórias acompanhadas, dos depoimentos postados em redes sociais, das experiências contadas por quem vive a temática do acesso à internet foram selecionadas algumas postagens, que nos auxiliam no acompanhamento e compreensão do fenômeno em questão. Por fim, amarramos o trabalho com algumas considerações que só foram possíveis mediante a uma cadeia de muitos contribuidores, que não priorizou nenhum conhecimento a priori, nada que não seja apenas o próprio processo de fluxos e alianças entre os envolvidos no tema em questão. Nossa pretensão não é encerrar este fenômeno

padronizando-o ou definindo-o, mas sim, chamar a atenção para um conhecimento que ainda não se estabilizou e que carece de mais estudos e aprofundamentos.

2 ESTRATÉGIAS DE UM FENÔMENO EM EBULIÇÃO

2.1 Um download na perspectiva da Teoria Ator-Rede

O estudo investigativo que perpassa este trabalho toma como base os pressupostos da Teoria Ator-Rede (TAR). Em tempos de intensas inovações, a Teoria Ator-rede, desenvolvida por Bruno Latour⁵ e colegas, apresenta-se como potente referencial teórico-metodológico para a análise desta realidade. Conhecida como sociologia da tradução, a TAR surgiu nos anos 80 e nos remete a alianças, fluxos e mediações, referindo-se a elementos heterogêneos conectados, sejam eles humanos ou não-humanos⁶. A mediação é, neste caso, entendida como uma ação, capaz de mobilizar, modificar e potencializar fluxos em um dado circuito (Latour, 2000b).

Por não se tratar somente de uma concepção teórica ou metodológica, a Teoria Ator-Rede se apresenta como uma forma de compreender os fenômenos com os quais temos contato diário e talvez este seja um dos principais motivos que nos levou a escolhe-la como suporte desta pesquisa. Trata-se da possibilidade de enxergar o mundo e tudo aquilo que o compõe sem, necessariamente, seguir com as visões tradicionais já existentes, como a perspectiva de causa e efeito ou as cisões entre sujeito/objeto, natureza/sociedade, humano/não-humano. Pensar a produção científica com um olhar perpassado pelos princípios da TAR é aceitar um desafio constante, uma vez que romper com os costumes modernos, calcados pelas grandes cisões e pela centralidade e superioridade do humano, e pensar a nossa vivência, enquanto uma grande mistura, não é uma tarefa (inicialmente) fácil.

Ao se pensar na produção do conhecimento e, mais especificamente, em uma pesquisa de mestrado, temos um exemplo didático da TAR. Inicialmente, formulamos diversas hipóteses para pensar em uma temática de pesquisa. No caso desta dissertação, várias são as perguntas feitas ao tema da Dependência da Internet. Existe dependência? Quem é capaz de defini-la? Os usuários se veem como dependentes de uma realidade

⁵ Bruno Latour é um dos fundadores dos chamados Science, Technologies and Society Studies (STS) e um dos principais desenvolvedores da Actor Network Theory (Teoria Ator-Rede). Tem atuação principal nas áreas de antropologia, sociologia e filosofia da ciência, apesar de percorrer por diversos outros campos disciplinares.

⁶ Em sua etnografia da prática científica, Latour utiliza o termo não-humano para se referir aos materiais, equipamentos e artefatos de inscrição e armazenamento dos dados científicos, apontando que estes só podem ser pensados quando em suas relações com os humanos. O par humano/não-humano não constitui uma forma de “superar” a distinção sujeito-objeto, mas uma forma de ultrapassá-la completamente (2001, p. 352).

virtual⁷? O que é um uso excessivo? Sabemos que quase todas as pesquisas realizadas trazem como objetivo provar ou refutar determinadas hipóteses, mas para que isso se realize é necessário se ater para uma cadeia de muitos contribuidores que, tempo a tempo, vão construindo o que hoje denominamos por “conhecimento”. Parece que agora já podemos falar das misturas que envolvem um fazer científico e das muitas ações que o compõem.

No decorrer desta pesquisa, contamos com vários laços e/ou nós. Tivemos a oportunidade de capturar materiais físicos e digitais (livros, artigos, documentários), acompanhar conversas e argumentos divergentes (seja do ponto de vista formal ou pelas postagens virtuais), usar dos objetos como parceiros para a construção desta dissertação (computadores, telefones celulares, papelerias e a própria internet), acessar as redes virtuais e rastrear falas e argumentos, tudo isso em um só lugar. Não podemos negar o quanto de mediação existe na construção desta pesquisa e o quanto os humanos e não-humanos estão entrelaçados.

Ao realizar uma pesquisa ou um estudo com suporte na Teoria Ator-Rede, nos deparamos com desafios e enigmas que nos induzem a rastrear um fenômeno, seguindo pistas que surgem a cada parte do caminho, permitindo-nos desviar, construir e costurar circuitos. Trata-se de descrever os movimentos dos atores e os vínculos que são firmados entre eles. De acordo com Latour (2000b), a TAR auxilia a compreender a realidade a partir de amarrações diversas, isto é, um emaranhado de redes que possibilitam um dinamismo sempre processual. As conexões, que se articulam e se modificam em processos a envolver humanos e não-humanos, apontam para toda uma vida social permeada por constante produção coletiva. Venturini (2009) argumenta que nada pode atingir uma existência coletiva sem ser o resultado de um trabalho também coletivo e, neste caso, as controvérsias são os locais onde todo este trabalho é possível. Para entender como os fenômenos sociais são construídos, não é suficiente observar os atores isoladamente. O que deve ser observado são os atores-redes, isto é, as configurações transitórias onde os atores estão renegociando os laços de redes antigas e o surgimento de novas.

A possibilidade que a TAR apresenta de se delinear novas produções é outro aspecto relevante. Diferentemente de muitos outros aportes metodológicos, a TAR propõe o princípio de simetria que, segundo Latour (1994), sugere que todos os envolvidos nas

⁷ O virtual, nesta dissertação, é entendido enquanto unidade que pode ser reconhecida, mesmo que não presente de maneira física. Buscamos compreender o conceito de virtual a partir de Levy (1996), que afirma que, no virtual, os limites de espaço não são mais dados e há um compartilhamento de tudo, tornando difícil distinguir o que é público do que é privado, o que é próprio do que é comum, o que é subjetivo do que é objetivo.

produções científicas tenham o mesmo tratamento, isto é, a mesma importância para o estudo de um fenômeno, não se tratando de uma questão ética de qual existência é mais importante. O autor defende que natureza e sociedade devem ser tratadas sob um mesmo plano e nunca separadamente, já que não haveria, de antemão, o mundo das coisas em si (de um lado) e o mundo dos homens em si (de outro), pois ambos são efeitos de redes heterogêneas que constituem os coletivos sociotécnicos. Dificilmente encontraremos entidades puras, que não tenham sido marcadas pelas trocas estabelecidas. A relação do humano com os artefatos guarda concomitantemente a própria história de sobrevivência do homem e a do desenvolvimento das técnicas a que Latour (2000b) chama de sociotécnicas. Tsallis et al., (2006) argumentam que não existe uma construção que seja apenas humana, com foco em um sujeito construtor. Todo processo de construção, seja ele qual for, vem de uma relação com o não humano, com um material que “resiste ao homem e interfere (e tem uma história) nesta construção, nesta criação, que é um processo” (p.62).

Neste sentido, rompe-se com o hábito de se fazer recair exclusivamente sobre a sociedade todo o peso da explicação, que reforça os esquemas assimétricos do conhecimento. Neste trabalho, a ideia central é construir o que Latour (1996), chama de *parlamento das coisas* para acompanhar os debates relativos a esta temática. O termo parlamento das coisas é usado em oposição ao velho parlamento dos homens que separava o mundo humano dos objetos. Para o autor, homens e coisas, podem dar a sua contribuição ao debate, sem esperar que somente os cientistas sejam os porta-vozes de um assunto. Questionando essas “grandes divisões”, Latour propõe ultrapassar tal separação moderna, dando aos humanos e objetos o mesmo tratamento, isto é, estudando-os ao mesmo tempo. Esta defesa de uma simetria entre os sujeitos e as técnicas, humanos e não-humanos é mais uma característica que nos leva a utilizar a Teoria Ator-Rede neste estudo. Criamos artefatos e lhes atribuímos diferentes usos e sentidos. Ao mesmo tempo, eles criam diversas situações que nos permitem desenvolver habilidades afetivas e cognitivas, interferindo, assim, em nossas formas de ser e estar no mundo. Retomamos aqui o exemplo do cigarro, exposto na tirinha de Mafalda e suscitamos a reflexão quanto à internet, logo mais discutida.

A técnica não é, nem jamais foi, estranha ao homem. Ao contrário, em certo sentido, é ela que o constitui. Melhor ainda seria dizer que ela é a parte material de um híbrido, também caracterizado como sociotécnico. Isso porque na esfera do humano estão incluídos simultaneamente: as pessoas e seus pensamentos, as matérias, as ideias e representações culturais. Falar em rede sociotécnica, portanto, é se referir a um conjunto de atores/agentes/actantes heterogêneos, humanos e não-humanos, associados no processo de

concepção, produção e difusão do conhecimento, dando origem a definições tecnológicas obtidas no processo de solução de controvérsias (Latour, 2000b).

O termo híbrido, anteriormente citado, nos convida a pensar não em termos de sujeitos e objetos, mas em fluxos, em associações, que não exigem barreiras entre o humano e o não-humano. Humanos e não-humanos se associam e essas associações geram efeitos, que deslocam objetivos e redefinem posições e sentidos (Meneses, 2014). É o que Latour (2000b) chama de um “faz-fazer”, que nos leva a questionar qual o efeito que produzimos sobre alguma coisa e o que as coisas produzem em nós. Podemos notar que a maioria de nossas interações (se não todas) são mediadas por uma grande rede de objetos. Enquanto construímos este pequeno fazer científico estamos em constante relação e mediação. Necessitamos dos nossos óculos que nos propiciam uma visão mais apurada do entorno, dos computadores que são nossas peças-chaves, dos livros, periódicos e artigos, de onde retiramos todo o suporte do pensar, além de outros artefatos que também participam deste percurso. Temos, então, o que se tornou híbrido: esta pesquisa como um todo, na medida em que ela não é fruto nem só das autoras, nem só do que percebemos como técnico. Ela é relação. É a mistura de todo um percorrer de ações, achados, escritas e reflexões.

Percebe-se, portanto, que a atividade científica tem por natureza uma dimensão coletiva, de modo que a construção de fatos e máquinas somente se viabiliza através da conjugação de interesses e com a mobilização de um grande número de aliados. Latour aponta que “a construção de um fato é um processo tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos” (2000-b, p. 70). Isso significa que um fato científico só existe se for sustentado por uma rede de atores e que o cientista nunca remete à natureza em si, mas aos seus colegas e à rede que o constitui como tal. Definida a controvérsia (a Dependência da Internet), estabelecida a aliança com o princípio de simetria de Latour e prontas a transitar pelas fronteiras entre a vida cotidiana e a esfera virtual, nosso próximo avanço se constitui em definir o que acompanhar (quais atores, quais redes, quais cosmos), onde acompanhar e como acompanhar. Seguimos, então, adiante!

2.2 Construindo links com os atores-rede

Ao seguir as redes de relações que cercam declarações polêmicas, os cartógrafos do social são levados a considerar conexões que se espalham para além do universo textual. Os argumentos deixados pelo mundo são, sempre, uma parte de redes maiores que compõem os seres humanos, os objetos técnicos, os organismos naturais, as entidades metafísicas e assim

por diante. Mas, o que seriam essas redes? Quais contribuições elas trazem para a ciência e, mais especificamente, para a nossa pesquisa? O conceito de rede, apresentado por Latour, remete à conexões, articulações e elementos híbridos, levando-nos a refletir sobre a ausência de práticas modernas de purificação e/ou das divisões entre o natural e o social, o objeto e o sujeito (Tsallis et al., 2006). Com o avanço das tecnologias e a disseminação da internet, o conceito de rede ganhou popularidade, passando a ser usado por milhões de pessoas. Aqui, precisamos fazer uma pausa para não pecar nas compreensões de Latour e, também, para não realizar uma traição da noção de rede proposta por ele.

A palavra rede, muitas vezes usada em ambientes virtuais, traz como descrição a possibilidade de uma comunicação imediata e do acesso a informações. Parece, neste contexto, que as informações são trazidas pelo virtual, apresentadas aos indivíduos e circuladas sem qualquer tipo de transformação. Essa descrição seria incompatível com a proposta de Latour, uma vez que não abarcaria a ideia de rizoma marcada, sim, por diversas transformações. A rede, para Latour, precisa ser agregada às noções de vínculo e aliança, levando sempre em consideração o que esses vínculos produzem e quais efeitos decorrem das alianças construídas. “O que importa é seguir a produção de diferenças, os efeitos, os rastros deixados pelos atores” (Tsallis et al., 2006, p.66).

Como possibilidade de rastrear e agregar informações sobre os debates públicos, a Teoria Ator-Rede traz como método a ser utilizado a “cartografia das controvérsias”. Tal cartografia nos permite acompanhar os fenômenos que se originam das tecnologias digitais, oferecendo ferramentas capazes de acompanhá-lo (Venturini, 2010). Na TAR, assim como na cartografia das controvérsias, todas estas entidades (humanos, objetos, natureza *etc.*) são vistas como atores de uma controvérsia, isto é, algo ou alguém que faz alguma coisa e cuja ausência faria uma grande diferença na atuação de um fato colocado em disputa (Venturini, 2009). Por esta razão, a proposta delineada para este estudo é seguir os rastros digitais (Bruno, 2012) deixados por atores-redes na internet para, assim, compreender o que está sendo mobilizado nesse processo heterogêneo. Nos propomos a traçar um relato cartográfico das mediações que fazem circular e acabam por produzir aquilo que se compreende por Dependência da Internet.

O estudo será descritivo, cuja principal característica, segundo Latour (2000b), é que se deve avançar lentamente, seguindo de nó em nó. O que nos interessa é acompanhar a construção dos fatos, isto é, como a rede se constrói, como se fabrica e quais ações a compõem. Tal construção será analisada como um processo múltiplo, distribuído por vários atores. Isso nos permite pensar que não existirá, nesta pesquisa, um agente central, já que

toda ação desenvolvida pelos atores possui uma ação recíprica e é justamente essa combinação e esses deslocamentos que nos despertam.

Por se tratar de uma temática que se encontra em um estado de magma, isto é, onde se proliferam problemas, inovações e visões, onde tudo é colocado em disputa (Venturini, 2009), acreditamos ser um momento oportuno para se cartografar a Dependência da Internet. É importante ressaltar que, ao realizar uma pesquisa fazendo uso da cartografia das controvérsias, há um convite para seguir três pressupostos básicos: não restringir a observação a uma única teoria ou metodologia, observar a partir de vários pontos de vista e ouvir as vozes dos atores mais que as próprias presunções daqueles que pesquisam (Venturini, 2009).

Compreendemos, como atores deste estudo, o olhar dos próprios usuários, a psiquiatria, os manuais de tratamento, as clínicas de atendimento, os profissionais envolvidos na temática, as teorias, livros e artigos relacionamos a área. Não menos importante, vale lembrar que as redes sociais, principalmente o Facebook e o Instagram⁸, serão atores-rede de extrema valia para a construção desta pesquisa, uma vez que todo o compartilhar destas experiências em torno da Dependência da Internet, assim como sua aceitação ou negação, também podem ser encontrados nesta esfera virtual. Sabemos que as mídias digitais muito acrescentam aos fenômenos coletivos, principalmente para as pesquisas cartográficas. Elas trazem rastreabilidade e agregabilidade, o que significa tornar um fenômeno possível de ser rastreado, convertê-lo em inscrição, transformá-lo em palavras e, assim, ganhar mobilidade, fazendo com que algo complexo seja passível de leituras e entendimentos (Venturini, 2010). Optamos por utilizar os conteúdos digitais por dois motivos: o primeiro deles, por permitir um acesso irrestrito, cercado de dinamismo e heterogeneidade. O segundo, por ir de encontro com “o lugar” onde surge o fenômeno, isto é, a própria internet que possibilita acompanhar os debates em seu próprio “território”. Venturini (2010) afirma que toda rastreabilidade se torna inútil se não houver, junto a esta, agregabilidade. Agregar informação significa mostrá-la numa forma condensada, transformando-a para que alguns poucos elementos se tornem representativos de muitos

⁸ O *Facebook* é um sítio que permite a construção de redes de amigos e oferece serviços baseados na web, que possibilitam aos usuários construir um perfil público ou semipúblico dentro de seu sistema, articulando também uma lista de outros usuários. Os amigos são os nós da rede, com os quais se compartilha as informações e os feitos dos outros dentro do sistema. Já o *Instagram* é uma outra rede social que possibilita a postagem de fotos e o seguimento de amigos. Com os avanços na sua estrutura, também é permitido os diálogos diretos com as pessoas com as quais o usuário deseja conversar.

outros. Assim faremos com as informações construídas no decorrer desta pesquisa: agregar novos pontos à colcha do conhecimento.

Para alcançar tais questionamentos, realizaremos uma imersão nos conteúdos já publicados sobre a temática (seja através de textos, postagens, comentários ou discussão na internet) sem almejar qualquer solidez a priori, mas, ao contrário, o seguimento dos mediadores e a descrição de suas ações. Sabendo-se que muitas ações deixam um rastro recuperável e este constitui um vasto e dinâmico arquivo de ações, escolhas e hábitos, o objetivo é rastrear o fenômeno da Dependência da Internet a fim de convertê-lo em uma peça de escrita (Venturini, 2010), contribuindo para futuras investigações neste campo de controvérsias, uma vez que este estudo não encerrará a temática em questão, tampouco a transformará em uma caixa-preta.

Latour (2000b) utiliza a expressão “caixa-preta” para falar de um fato ou artefato bem estabelecido, dado como pronto, acabado, uma afirmação não mais em disputa, já consensada pelas partes interessadas. Quando optamos por pesquisar um fenômeno já estabilizado não temos a possibilidade de seguir as vozes discordantes, tampouco cartografar a controvérsia, uma vez que pesquisadores e estudiosos já entraram em consenso sobre este fato científico. No entanto, quando optamos por acompanhar uma temática antes de a caixa se fechar, ou antes de se tornar preta, somos convidados a flagrar a complexidade de sua rede, assim como os questionamentos que ela carrega. Controvérsias são, sempre, dotadas de um turbilhão de movimentos, ações e discussões. Nem sempre optar por encerrá-las é o melhor caminho, uma vez que elas podem ser finalizadas de diferentes maneiras, sob a luz de vários ângulos de observação que devem ser, cuidadosamente, levados em consideração.

A ênfase colocada sobre o dinamismo das redes não deve nos levar a negligenciar o fato de que a maioria dos atores e grupos desejam algum tipo de estabilidade. Quando a rede não está estável sempre há disputas de interesses em jogo. Neste sentido, os rastros *online* deixados na própria internet, em agrupamento com a literatura científica contemporânea consistirão em informações fundamentais para esta investigação. Solucionadas as perguntas do “quem” acompanhar e “onde” acompanhar, passemos adiante com as estratégias utilizadas.

2.3 Estratégias do seguir

Com o objetivo de mapear a controvérsia da Dependência da Internet e dar espaço a todos os envolvidos neste processo, reabrindo disputas e interesses, alguns princípios

metodológicos serão seguidos, com o intuito de possibilitar uma aproximação dos atores enredados na controvérsia. O primeiro passo de todo este trabalho foi o de escolher a controvérsia a ser pesquisada. Os debates em torno do uso da internet começaram a despertar meu interesse na época da minha pesquisa de iniciação científica⁹, quando o fator mais apontado por uma dada comunidade escolar para a instabilidade no sono dos adolescentes e seu conseqüente declínio no rendimento escolar era o uso desmedido da internet. Neste mesmo período, comecei a me perguntar se estas relações de causa e efeito seriam mesmo pertinentes para serem levadas em conta com uma hipótese provável, dada a sua recenticidade, e até que ponto estas construções poderiam permanecer intocáveis e sem questionamentos. Algum tempo depois, e com as mesmas inquietações, me interessei por participar de um grupo de estudos da Teoria Ator-Rede, proporcionado pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), pois senti que, enquanto integrante deste eu poderia elaborar meus incômodos diante de uma sociedade que, muitas vezes, impossibilita o debate e a crítica.

Concluída minha pesquisa de iniciação científica, e já participando do grupo, continuava, em mim, o interesse por acompanhar e pesquisar sobre a era digital e como as transformações trazidas por ela soavam para a sociedade de uma forma geral. Em um dos encontros com o grupo de estudos da Teoria Ator-Rede, discutíamos sobre os jogos eletrônicos e como este uso vem despertando questionamentos no mundo contemporâneo. Cativada pela área da tecnologia, senti interesse em acompanhar (mais de perto) como o acesso à internet é compreendido atualmente e quais são as vozes que versam sobre o fenômeno. Optei por um tema mais amplo, que não abarca os jogos, mas abrange os acessos às redes sociais, conteúdos digitais e pesquisas aleatórias. Nosso foco é o comportamento de acessar, isto é, o apego à conexão. Quando me questionam sobre o porquê de não seguir a Dependência dos Jogos Eletrônicos, cito Latour ao afirmar que “os atores a seguir se dispersam em todas as direções como abelhas saídas de um ninho atacado por uma criança travessa” (2008, p.178). Não haveria possibilidades de tudo acompanhar. São múltiplos os atores. Seguir todos seria impossível, além de que outros estudos já se dedicaram a esse fenômeno.

⁹ Intitulada como “Qualidade do sono em adolescentes e Desempenho Escolar: uma investigação preliminar através de dois questionários auto aplicados”, minha proposta foi a de investigar a relação existente entre a qualidade do sono dos adolescentes e seu desempenho escolar, em uma escola pública de uma cidade do interior de Minas Gerais, entre os anos de 2013/2014.

Assim, depois de definir a controvérsia a ser seguida, iniciamos o percurso de observação. Não buscamos, em momento algum, um ponto final que nos permitisse definir ou padronizar o acesso à internet, ao contrário, rastreávamos por pontos de disputas que somassem na controvérsia. Neste sentido, e para melhor observar o fenômeno da Dependência da Internet, fizemos uso de cinco lentes de observação, construídas por Venturini (2009). Tais lentes nos auxiliam nas muitas camadas que perpassam uma controvérsia e nos instruem do ponto de vista metodológico.

A primeira lente vai *das afirmações à literatura*. Ela diz de uma grande névoa de argumentos concorrentes que envolve qualquer controvérsia (Venturini, 2009) e nos convida a ir até a literatura e investigar os registros e afirmações que já se encontram sobre um determinado fenômeno ou controvérsia. Nesta primeira lente, nada pode ser dado como certeza, sem antes levar em conta os questionamentos positivos e os negativos de todo fenômeno. Identificar, então, essa grande área, onde se reside a controvérsia, é o primeiro passo para segui-la. Analisar o que a ciência já produziu sobre determinado assunto é de suma importância em qualquer pesquisa científica e a forma como a Dependência da Internet tem sido abordada no cenário contemporâneo nos desperta interesse.

Identificamos debates relevantes sobre a dependência. Vozes que vão da aceitação generalizada à negação intensa da possível patologia. A literatura apresenta uma vasta pesquisa sobre dependências. No entanto, quando se refere à internet, notamos que poucos são os trabalhos que focam no acesso, na conexão. Além disso, grande parte da revisão encontrada é internacional, o que nos reafirma a necessidade de pesquisas brasileiras sobre o assunto. Também notamos que as pesquisas envolvendo a dependência de jogos eletrônicos tomam espaço no cenário atual, não englobando o acesso à internet com foco em outras plataformas que não sejam os jogos. Permanecemos nesta lente grande parte do tempo destinado à pesquisa de mestrado, isso porque, o acompanhar de qualquer controvérsia nos convida a estudos, pesquisas e rastreios aprofundados. No primeiro ano de mestrado, isto é, o 2017, e até o primeiro bimestre de 2018, focamos na primeira lente de observação, o que nos permitiu, além do conhecimento adquirido, adentrar na segunda lente de Venturini.

Da literatura para os atores. Trata-se da segunda lente de observação que nos possibilita compreender os atores que participam de uma controvérsia atual (2009). Ao acompanhar as muitas polêmicas que envolvem um tema controverso somos levados a considerar as conexões que se espalham para além dos textos e possibilitados em pensar nos muitos atores que participam do processo. Retomamos, aqui, o subcapítulo anterior e

reafirmamos que muitos são os atores que fazem parte de nossa pesquisa e que, sem eles, seria inviável produzir qualquer tipo de conhecimento.

Na TAR, assim como na cartografia das controvérsias, todo contribuidor de diálogos e reflexões é considerado um ator, independentemente de ser humano ou não-humano. Segundo Venturini (2009), um ator é aquele que faz alguma coisa, que tem importância no cenário observado. Para saber se algo ou alguém atua em uma dada controvérsia, basta retirá-lo de cena e perceber se sua ausência faz falta ou causa estranhamentos. Se a resposta for sim, estamos diante de um ator. Além das próprias percepções dos usuários e especialistas da área sobre a possível dependência podemos citar outros atores, de forma a exemplificar. O computador usado para a construção desta dissertação é um ator. A obra de Venturini (2009) é um ator. Os muitos artigos que versam sobre o fenômeno são atores. O posicionamento do DSM, ao falar da dependência enquanto patologia, é um ator. Os livros são atores. As postagens virtuais são atores. Sem estes, a pesquisa não seria concluída (independentemente se estamos falando de humanos, animais, artefatos ou qualquer coisa a mais) e não faríamos acréscimos à temática da Dependência da Internet.

O acompanhamento destes atores ocorreu entre os meses de junho a final de agosto de 2018. Neste período foram selecionadas postagens, falas, matérias e depoimentos que puderam nos orientar na controvérsia escolhida. É válido lembrar que grande parte do material encontrado reside nas redes digitais, fato este que amplia o acesso e nos possibilita acompanhar a ebulição do fenômeno em sua multiplicidade. Apesar de termos definido 3 meses para o contato com os atores, devemos ressaltar que, durante o desenrolar da pesquisa, novos materiais foram incluídos, uma vez que cada posicionamento novo nos auxiliava a compreender a dita “dependência”. Outro ponto importante de se destacar é que tivemos acesso a muitos materiais. Trazer todos eles para a dissertação, refletir sobre cada história no decorrer dos capítulos, condensar em escrita todas as postagens lidas e interpretadas seria uma ação inviável, dado o período de cumprimento do mestrado e a amplitude do terreno que estamos adentrando. Por este motivo, fizemos o recorte de alguns achados e selecionamos algumas vozes para compor os resultados da pesquisa. Ao afirmar que não existem atores isolados e que tudo se constitui em um emaranhado de contribuições, partimos para a terceira lente de observação.

De atores a redes. Não se faz ciência sozinho, assim como tudo o que existe é mediação entre muitos contribuidores. Assim se embasa a terceira lente de observação de Venturini (2009). Os atores envolvidos são, sempre, compostos e componentes de uma rede, interagindo, moldando ou sendo moldados por ela. Para acompanhar uma controvérsia

precisamos estar motivados a sempre amarrar e desamarrar conexões. Ao falar da Dependência da Internet podemos compreender a rede como o emaranhado de laços que a constroem: novos pontos de vista, artigos publicados, livros atuais, os movimentos acerca da dependência, as postagens deixadas na internet, os impactos na vida cotidiana dos usuários, a própria vivência das pessoas. A mobilização de grupos que apoiam ou negam a existência desta dependência também nos permite acompanhar parte do fenômeno. É seguindo os atores que fazem parte da controvérsia que vamos nos infiltrando nessas redes e compreendendo como as relações são estabelecidas e, também, desfeitas. Acreditamos que estivemos nessas redes durante todo o percurso da pesquisa, ora coletando material, ora procurando por novos direcionamentos. Sair da rede implicaria em perder de vista os debates controversos, fato este que nos distanciaria do estado de magma.

Ao versar sobre as redes, entramos na quarta lente de observação. *Das redes para os cosmos*. Sabemos que as controvérsias proporcionam uma complexidade ao coletivo. No entanto, sempre há o desejo de uma simplificação ou algum tipo de estabilidade (Venturini, 2009). A pesquisa sobre a Dependência da Internet nos leva a pensar que, em algum momento, a controvérsia poderá se estabilizar e que as respostas para as tantas questões que nos rodeiam neste momento poderão ser apresentadas. Enquanto isso não é possível, sempre há disputas de interesses em jogo e argumentos divergentes. Não se pode seguir uma controvérsia apenas focados em um só ponto de vista. A observação não pode ser limitada a declarações, ações e relações, mas tem de se estender ao significado que os atores atribuem a elas. Se você perguntar a vários atores o que pensam sobre a dependência da internet suas respostas vão trazer o cosmo do qual fazem parte. Usuários vão negá-la. Psiquiatras podem sustentá-la. Alguns vão naturalizar o acesso, outros se colocarão favoráveis a patologização e ainda há aqueles que se manterão em silêncio. Assim veremos ao longo dos trechos e achados que serão apresentados logo mais.

A quinta e última lente de observação (2009), vai *do cosmo a cosmopolítica*. Cada cosmo é regido por ideologias que sustentam as redes das quais participam os atores. Por cosmopolítica entende-se o espaço de disputas ideológicas das quais participam cada cosmo. Em muitos casos, as disputas são temporariamente silenciadas por haver a dominância de um cosmo sobre outro. No caso do acesso à internet trata-se de uma disputa que ainda não se estabilizou, isso porque ainda não se tem um consenso sobre sua existência ou não. No entanto, é válido ressaltar que nenhum acordo se firma sem antes passar por um processo de discussão. Com isso, todos os argumentos que embasam esta temática podem ser contestados, visto que eles envolvem disputas de interesses e relações de poder. Não

podemos deixar de citar aqui as clínicas de atendimento para a Dependência da Internet e os manuais de tratamento, que se constituem como atores desta controvérsia, mas, também, participam de uma *cosmopolítica* que define o que é normal e anormal, padronizando comportamentos e definindo tratamentos e intervenções. É importante salientar que independentemente das disputas existentes, se houver interesse dos atores, qualquer caixa que já esteja silenciada e/ou estabilizada pode ser reaberta para aprofundamentos e novas concepções.

Percebe-se, assim, que a internet aparece como um aparato de grande valia para dar voz aos muitos atores desta temática. Essa tecnologia possibilita amplificar falas silenciadas, demonstrar insatisfações contidas, realizar a troca de experiências, apresentar discursos opostos, tudo isso em um só lugar. Os relatos apresentados no capítulo IV, trazidos principalmente em redes sociais, nos permitiram mobilizar e registrar parte deste fenômeno que, hoje, se encontra em ebulição. O caminho metodológico que elegemos construir no decorrer desta pesquisa foi, então, o de investigar o material empírico na rede social *online*, para assim acompanhar os argumentos divergentes trazidos pela literatura recente. Buscaremos, ainda, exercitar a interlocução constante entre todo o material encontrado com autores representativos da pesquisa, destacando Bruno Latour. O mergulho intensivo nesta rede permitirá acompanhar as publicações que são deixadas como rastro, desvelando diferentes experiências cotidianas e percepções dos usuários, pesquisadores e profissionais da área. As publicações aparecem como uma prática comum na atualidade, constituindo-se como característica intrínseca da sociedade contemporânea.

3 CLIQUES NA TECNOLOGIA

3.1 A disseminação da internet

O avanço da internet e a rapidez de sua disseminação trouxeram novas formas de interação e de circulação das informações. Conforme Lima, Moreira, Stengel e Maia (2016), as tecnologias digitais deixam marcas em todos os setores da vida social, uma vez que permitem a reconstrução da realidade sociocultural em que estamos inseridos, alcançando uma potência inusitada, um nível inédito na história da humanidade. Segundo Fecchio e Santos (2016), entre as principais afetações da internet na vida cotidiana da população podemos versar sobre os novos saberes por meio de pesquisas (com os mais variados temas e assuntos), o que muito contribui para o desenvolvimento da ciência. Além disso, trata-se ainda de um avanço em relação a história da humanidade, já que o distanciamento se tornou mínimo e o contato social (ou melhor, digital) intenso.

A internet, enquanto instrumento de acesso e comunicação tem se mostrado presente em todas as classes sociais e profissionais, assim como em todas as faixas etárias, caracterizando-se, atualmente, como um fenômeno mundial recente. A presença desta tecnologia em no nosso cotidiano possibilita uma peculiaridade à vivência humana: somos capazes de criar o mundo objetal e, ao mesmo tempo, de delegar inúmeras funções e ações a estes não-humanos. Aqui é possível pensar em alguns exemplos. Não temos, neste instante, nossa oralidade para discorrer sobre o assunto aqui tratado, mas utilizamos da digitação e dos computadores para dar voz a todas as nossas percepções e achados. Nem sempre somos capazes de resgatar um livro importante em uma dada biblioteca, mas nos é permitido acessar a internet e, muitas vezes, encontrá-lo em sua forma digitalizada. Nota-se, com isso, uma fluidez da internet e, de uma maneira geral, da própria tecnologia. Além disso, podemos pensar nos homens e nas técnicas como relações de construção e reconstrução e não mais nas perspectivas dicotômicas ou deterministas. Mundo humano e mundo objetal revelam-se intimamente ligados, de forma que, ao olhar para uma materialidade enxergamos algo do humano, assim como ao refletir sobre os contextos cotidianos, notamos a presença dos mais diversos artefatos e objetos.

Assim, com os mundos humano e objetal interligados, com a disseminação das tecnologias e a nacionalização da internet, outro fenômeno surgiu e ganhou espaço na sociedade contemporânea: as redes sociais digitais. Tais espaços permitem aos indivíduos um contato contínuo com o outro, estando este em qualquer parte do mundo. As redes sociais

digitais apresentam: 1) a facilidade de acesso e manuseio do contato social, 2) a rapidez e o baixo custo do acesso, já que muitas vezes o ato de conexão ocorre por pontos de rede sem fio, também chamados de *Wi-Fi* (Fecchio & Santos, 2016).

Trabalhando com analogias, podemos pensar nas redes sociais em uma aproximação com a rede de pescadores, que em sua própria imagem traz a ideia de vários “nós” e amarrações, assim como ocorre com o mundo tecnológico (Fecchio & Santos, 2016). No caso dos pescadores, os “nós” servem para garantir a captura de um coletivo de peixes, enquanto os “nós” das redes sociais simbolizam os muitos elos que são construídos entre pessoas, grupos, instituições, movimentos *etc.* Pescadores usam linhas para construir os “nós”, ao mesmo passo que utilizamos das relações e das trocas de informações para construir as redes sociais. O que as sustentam são os próprios usuários, os grupos e as comunidades com suas experiências e acontecimentos compartilhados.

De uma maneira bem simplificada, as redes sociais podem ser compreendidas como um ambiente virtual, no qual os indivíduos interagem por meio de uma rede de computadores¹⁰ *online*. Constituem-se como teias de relações entre grupos de pessoas que têm entre si algum vínculo de identidade e/ou interesse (Trindade, 2015). O acesso, assim como a interação e o contato englobam famílias, amigos, conhecidos, isto é, grupos que podem estar presentes em diversas instituições, empresas, escolas, trabalho ou mesmo nos ambientes domésticos. Envolvem, ainda, linguagem simbólica, restrições culturais, relações de poder *etc* (Fecchio & Santos, 2016; Trindade, 2015).

A grande explosão da internet foi a partir de 1995, havendo, na época, cerca de 16 milhões de usuários. Esses números, hoje, representam apenas os usuários de internet móvel no Brasil (Dal Cin, 2013). Segundo dados do IBGE, o número de domicílios brasileiros com acesso à internet chegou a 70,5% em abril de 2018. Esse número representa um crescimento significativo em relação aos anos anteriores que tinham como porcentagem máxima 63% dos lares com acesso. Com isso, também houve um aumento no número de pessoas se cadastrando nas redes sociais, sejam estas adolescentes ou adultos, por motivos de distração, comunicação e/ou trabalho. O aumento de usuários e das horas navegadas ocorrem principalmente pela diversificação dos meios tecnológicos, como os *smartphones* e *tablets* que permitem aos indivíduos estar, cada vez mais, conectados em qualquer lugar do mundo e em qualquer hora (Dal Cin, 2013).

¹⁰ O acesso não precisa ser exclusivamente por computadores. Atualmente, vários são os instrumentos que possibilitam a conexão com a internet, como *smartphones* e os *tablets*.

De acordo com Fecchio e Santos (2016), com todo este avanço, cada vez mais são constituídas mídias sociais específicas, nas quais os indivíduos compartilham pontos de vista, momentos de suas vidas, posicionamentos e percepções particulares, construindo assim, suas próprias identidades, como é o caso do *Facebook* e do *Instagram*. A faixa etária dos usuários brasileiros que acessam a internet, segundo Dal Cin (2013), é bem diversificada, demonstrando que, dos de 10 anos aos maiores de 60 anos, todos acessam a internet. Não podemos negar, ainda, a participação infantil no acesso à internet. Crianças com idades inferiores à 10 anos também já iniciaram seu convívio com as tecnologias, interagindo com o recursos virtuais e ultrapassando os limites da própria idade cronológica.

Diante de todo o exposto, nota-se que vivemos em uma sociedade que muda e evolui constantemente e que vê a tecnologia como um instrumento transformador da vida contemporânea. A internet tem proporcionado às pessoas grandes experiências, pois, ao se incluírem no mundo digital, percebem a infinidade de coisas que podem aprender, encontrar e passar a ter acesso (Dal Cin, 2013). É versando sobre todas estas transformações que adentramos no próximo tópico deste capítulo.

3.2 Os portáteis sedutores

Apesar de todas as vantagens expostas anteriormente com a evolução das tecnologias, a internet apresenta um significativo viés: a possibilidade de seduzir os usuários, levando-os a assumir um uso desmedido destes recursos. Sabemos que as tecnologias portáteis¹¹ expressam os valores da liberdade de escolha, vontade e ação, permitindo aos indivíduos o constante contato com os coletivos. As evoluções tecnológicas são atraentes, pois permitem que os usuários naveguem pelo virtual, possibilitam trabalhar com pessoas à distância, falar com amigos e colegas, resolver problemas e prestar serviços sem sair da localização em que se encontram. Com tantas facilidades e funções, tem-se uma aceitação generalizada por estes dispositivos (King et al., 2014). É o que King et al. (2013) nomeiam como “portáteis sedutores”, isto é, aparelhos eletrônicos que permitem a conexão com a internet e que muito contribuem para a vida humana e para as relações interpessoais.

Segundo Turkle (1989), as máquinas e, principalmente, o computador “modificam a percepção que as pessoas têm de si mesmas, umas das outras e da sua relação com o mundo. A nova máquina que está por trás do sinal digital luminoso, ao contrário do relógio, do

¹¹ Incluímos aqui tudo o que permite o acesso à internet de forma prática e precisa.

telescópio ou do comboio, é uma máquina “pensante”. Desafia, não apenas as nossas noções de tempo e distância, mas também as de mente” (p. 15). Em uma palestra apresentada no TED¹², Sherry Turkle (2012) versa sobre o uso das tecnologias e alerta para o perigo de a internet levar os indivíduos a lugares onde estes não querem ir. Segundo a autora, esses dispositivos de conexão são tão potentes psicologicamente que não modificam apenas as ações dos indivíduos, mas, também, suas identidades. Ao se afastar dos obstáculos da vida e se conectar a estes aparelhos, o ser humano cria uma nova forma de relação e de enfrentamento com o mundo, consigo e com os outros. É o que a autora chama de um “estar só, mas juntos”, que permite deletar, editar e retocar o contato social, assim como a própria imagem.

De acordo com Dal Cin (2013), a quantidade de informações disponíveis na rede é surpreendente e os estímulos, principalmente nos jovens, instigam a estar sempre conectados para que, a todo o momento, estejam presentes na sua conexão de amigos, no meio *online* e não corram o risco de perderem visibilidade. Assim, toda essa esfera virtual - *WhatsApp, Facebook, Messenger, Instagram, Twitter, Snapchat, Blogs etc.* – permite aos indivíduos modificar a percepção que têm de si próprios e, ainda, da relação estabelecida com o mundo.

Turkle (2012) afirma que as redes sociais parecem ser a solução para um medo que a maioria dos indivíduos apresentam: a solidão. Diante disso, tais redes modificam as formas de agir e pensar e acabam proporcionando, como resultado, seres humanos cada vez mais solitários, ainda que sigam e sejam seguidos por dezenas, centenas, milhares de pessoas. Há, segundo a autora, uma falsa intimidade e uma profunda superficialidade, muitas vezes demonstrando que a aparência pode chegar a valer mais do que o ser. Os perfis dos indivíduos são construídos com base em *SMS, e-mails*, postagens em blogs e redes sociais, que se tornam “ilhas da fantasia”, onde as pessoas escolhem o melhor ângulo da imagem e depois a apresentam. A exposição é programada e por isso eu compartilho, portanto eu existo.

O principal motivo, segundo a autora, para se priorizar mais os contatos pelas mídias digitais do que os relacionamentos presenciais, está no suprimento das vulnerabilidades e nos medos contemporâneos, principalmente o de se criar vínculos muito próximos com outras pessoas e se decepcionar. Além disso, a esfera virtual permite manter, ao mesmo tempo, o *on* e o *off*, em uma proximidade sem intimidade. Segundo Turkle (2012), as

¹² O TED é uma organização, sem fins lucrativos, dedicada a compartilhar temáticas de grande interesse mundial. A organização teve sua origem no ano de 1984 e reúne assuntos relacionados às áreas da Tecnologia, Entretenimento e Design.

relações virtuais permitem controlar a intensidade dos relacionamentos, algo um tanto limitado nas relações pessoais. Um exemplo simples e de fácil compreensão é o perfil *online* dos usuários: é possível construir uma boa imagem de si mesmo através da escolha de uma foto e de uma descrição que será utilizada. Talvez esse tipo de estratégia seja mais difícil de se manter pessoalmente, nas relações concretas do dia-a-dia. Estimulados pelas transformações, os usuários são seduzidos, com o “canto da sereia”, de forma a incitar fortemente os sentidos para uma devoção à tecnologia (Dal Cin, 2013) e, no nosso caso, à internet.

É possível notar que aqui já aparece um debate ambíguo: ao mesmo tempo que a internet e, mais ainda, as redes sociais aparecem suprimindo nossas necessidades de comunicação e convivência, elas abrem caminhos para outras formas da vida social, com a falsa sensação de proximidade e companhia. Percebe-se, portanto, que o mundo virtual é tão social quanto qualquer outro, uma vez que as interações sociais ganham características diferenciadas ao se constituírem em rede, em um terreno de muitas mediações, gerando novos espaços de vida, alterando e ampliando estilos de agir, flexibilizando e alargando os limites do dizível e do mostrável, a tal ponto que o sujeito não produz somente histórias sobre si, mas esmiúça seu contexto e emoldura o seu entorno (Trindade, 2015). É justamente sobre esta agregabilidade que falaremos agora.

3.3 Simetria entre homens e máquinas

As múltiplas formas de mediar as relações humanas, propiciadas pelas vigorantes modalidades de comunicação (Trindade, 2015), nos levam a presenciar o quanto a vida humana é mediação. Sendo assim, qual o motivo de, muitas vezes, não incluirmos os não humanos em nossas relações? Porque não assumir sua contribuição e o peso de suas ações no decorrer de toda a nossa vida cotidiana? As técnicas, longe de representarem a simples materialização de relações sociais, muito agregam nas redes de relações. Trazendo este discurso para mais perto de nossa temática, as Tecnologias da Informação e Comunicação têm sido grandes facilitadores da vida coletiva e é justamente por estes avanços que o terreno científico vem se mostrando propício para o estudo das relações que envolvem humanos e não-humanos.

Ao refletir sobre as muitas tecnologias contemporâneas que participam da vida coletiva, identificamos facilmente novas possibilidades abertas por elas. No entanto, as análises realizadas, principalmente, nos contextos contemporâneos são marcadas por um

acentuado antagonismo que se expressa, por um lado, em um otimismo exagerado em relação às supostas virtudes no progresso científico e tecnológico e, por outro lado, em um grande pessimismo, gerado pela ameaça da dominação técnica. O mito de Frankenstein é representativo deste cenário, já que mostra uma criatura voltando-se contra o criador, e os *androides* – “as máquinas desejantes” – do filme *Blade Runner*¹³, de Ridley Scott, expressam, cada um a seu modo, o imaginário de uma cultura temerosa das máquinas autônomas (Escóssia, 1999).

Latour (1994), indo de encontro a esse pensamento, afirma que a humanidade comete dois erros simétricos: o de definir o humano como uma coisa frágil e maleável, que deve ser protegido da objetivação e, o outro, de conceber os objetos técnicos como detentores de uma forte eficácia, justamente por estarem isentos da subjetividade e dos interesses sociais. Segundo tal concepção, não haveria a possibilidade de uma relação entre o humano e as técnicas, ficando o homem (sujeito de direitos) de um lado e os objetos técnicos (ou monstros) de outro.

Para ultrapassar esse olhar e superar a ignorância dos homens em relação ao funcionamento dos objetos técnicos é preciso compreender homens e máquinas, segundo relações que não são simplesmente as de dominação, conforme aponta Escóssia (1999). Para a autora, os objetos técnicos são portadores de sentido, mensageiros que emitem, transportam e veiculam informações. Trata-se, portanto, não mais de uma relação de simples dominação, mas de acoplamento, composição entre duas formas. Aqui voltamos a falar do processo de hibridização, que muito nos auxilia na simetria entre homens e máquinas, já que permitimos as noções de fluxos e associações entre o humano e o não-humano.

Optar pelo pensamento da relação homem-técnica, enquanto mediação, implica em uma renúncia às concepções puramente instrumentalistas que reduzem a técnica a um conjunto de meios neutros e, também, às concepções puramente pessimistas, que analisam a técnica somente enquanto impacto negativo à natureza humana. De acordo com a autora, é preciso compreender a técnica, assim como os seus objetos, como uma dinâmica que retroage sobre os homens e que os convida a dela participar. Tal relação não está calcada em uma distinção do homem e do mundo enquanto objetos, mas sim, como formação de um único sistema. Trata-se, portanto, de uma relação assimétrica e complementar, na medida em que homem e máquina se constituem na relação e não em termos dados *a priori* (Escóssia, 1999).

¹³ No filme, os *androides* desejam se efetivar como máquinas temporais, evoluir no tempo e formular problemas que não só aqueles propostos pelos seus criadores, gerando a grande ameaça proposta no filme.

Nessa relação, não há uma redução da máquina ao homem ou do homem à máquina. Esta díade emerge na própria relação, no acoplamento de um ao outro. A partir deste ponto de vista, Latour (1994) propõe acrescentar os objetos técnicos ao conjunto de agentes capazes de realizar e desviar ações. Neste sentido, e articulando com a minha temática de investigação, tanto os humanos quanto a própria internet aparecem enquanto actantes de uma relação, pois ambos produzem ações e modificam as redes de relações. É fundamental ressaltar que a internet não é vista, neste estudo, enquanto um mero objeto técnico do cotidiano, como um instrumento a serviço da sociedade ou como um suporte que lhe é externo. Ela é compreendida enquanto agente de uma situação, capaz de engendrar transformações e de ultrapassar o âmbito técnico-instrumental.

Conforme Escóssia (1999), nos relacionarmos com objetos, instrumentos e artefatos, produzimos um mundo, um coletivo comum, público e partilhável. Este coletivo, por sua vez, retroage sobre os sujeitos reconstituindo-os, interferindo em seus processos cognitivos, sentimentos e ações, isto é, o mundo técnico retroage e produz novas maneiras do existir, que são mutantes e provisórias, assim como a exterioridade que os condiciona. É válido afirmar, também, que não temos a pretensão de apresentar a internet como negativa ou prejudicial à existência dos indivíduos, nem a tomar como panaceia universal. Trata-se, apenas, de um actante importante e que nos auxilia na compreensão da disputa que optamos por seguir. É na interface com o homem que a técnica é considerada capaz de provocar novos olhares sobre o existir. A relação homem-máquina está efervescendo, as opiniões continuam divididas e, por este motivo, trata-se de um momento propício para se acompanhar as disputas existentes.

4 UMA LITERATURA EM CONTROVÉRSIA

4.1 A Dependência da Internet em seu estado de magma

No capítulo II, defendemos a ideia de que a sociedade é o resultado provisório de uma rede de elementos muito distintos, heterogêneos, humanos e não-humanos. As inovações tecnológicas nos permitem perceber mais facilmente a participação dos objetos nas interações humanas e a recente inserção das tecnologias digitais no cotidiano da população revela-se como uma temática que carece de estudos mais aprofundados, visto a complexidade dos argumentos que compõem o tema e a existência dos debates contraditórios.

Os computadores em rede - e o conseqüente acesso à internet - propiciam a arquitetura de diversos encadeamentos sociais, em espaços cada vez mais mesclados e dilatados. São os chamados “ciberespaços” que possibilitam o estabelecimento de muitas relações virtuais (Trindade, 2015). Autores (Abreu, Karam, Góes, & Spritzer, 2008; Sá, 2012) afirmam que os recursos digitais, além de favorecer a comunicação e a busca de informações são uma importante ferramenta de contato social. A descoberta do novo, da sensação indescritível de liberdade, a criação de uma identidade *online* e a facilidade de se relacionar estão entre os principais fatores apontados que atraem milhões de usuários para a internet. As redes sociais, segundo Trindade (2015), muito contribuem para a construção de uma forma distinta de manifestação da sociabilidade, expressando novas formas de compartilhamento de experiências humanas sob a mediação das tecnologias.

Fecchio e Santos (2016) também defendem que a internet foi e continua sendo um dos maiores avanços tecnológicos de toda a história da humanidade. Ela permite o contato com pessoas distantes, facilita atividades da vida cotidiana e ainda se constitui como uma ferramenta de entretenimento para crianças e jovens, principalmente na utilização dos jogos *online*. O conhecimento promovido pelas redes sociais é outro fator levantado pelos autores. No *Facebook* isso acontece mediante a circulação das opiniões, das postagens, dos textos compartilhados e pelo *upload* das fotos e vídeos que são deixados na rede. Trata-se de uma nova fase em que os indivíduos usam da própria internet para construir suas fases existenciais, ora fazendo-se visíveis uns aos outros, ora constituindo suas próprias identidades de uma forma bem particular.

Trindade (2015) ressalta que a internet, como um todo, agrega, junta, integra e até mesmo é capaz de manipular o interesse genuíno das pessoas para se comunicar com os semelhantes e construir o processo de sociabilidade. As tecnologias digitais estão, portanto, favorecendo o desenvolvimento de novas maneiras de comunicar, pensar, lidar com informações e produzir conhecimentos, lançando, atualmente, o desafio de transformação dos modos tradicionais de se relacionar com o mundo. Adentrando um pouco mais no assunto das relações entre os indivíduos, podemos acrescentar mais uma vantagem trazida pela internet, como aponta Fecchio e Santos (2016): a inclusão digital dos idosos. Temos presenciado o acesso à internet por todas as faixas etárias, incluindo a parcela idosa da população. Para os autores, a procura pela inclusão digital dos idosos se justifica pela possibilidade de inclusão social, já que se trata de indivíduos que clamam por atenção e aceitação. Assim, diante de uma sociedade que sofre constantes transformações, com uma rotina cada vez mais intensa, incluir esses idosos no ambiente virtual é englobá-los no pertencimento da própria sociedade.

Segundo Trindade (2015), todo este acesso traz como características o marketing pessoal, a autopromoção social, os exibicionismos sem limites e o compartilhamento das vivências pessoais. Com tantas características prazerosas, envolvendo crianças, jovens, adultos e idosos, o desejo, é o de estar, cada vez mais, conectado. Entretanto, com toda esta popularização, muitas questões relacionadas ao uso da internet começaram a emergir: novos comportamentos e outros tantos passaram a ser remodelados e modificados (Fortim & Araujo, 2013). Não há dúvidas de que a internet é uma ferramenta de inúmeras vantagens para a evolução do indivíduo (Abreu et al., 2008; Sá, 2012), mas existem controvérsias de que seu uso abusivo, por razões não acadêmicas e não profissionais, pode desencadear impactos na vida diária dos usuários e suas famílias (Greenfield, 2011; Turkle, 2012; Fecchio & Santos, 2016; Moromizato et al., 2017).

Sherry Turkle, já nos anos de 1980, escreve que as tecnologias catalisam alterações não somente nas coisas que fazemos, mas também na maneira como as pensamos. Ela argumenta que, com a popularização do uso dos computadores e da internet “as pessoas sentem a presença de algo novo e excitante, mas receiam a máquina, que consideram poderosa e ameaçadora” (1989, p. 14-15). Neste sentido, ao tratar do humano e suas formas de existir, a internet desperta um debate ambíguo: de um lado aparece como um acréscimo ao desenvolvimento e ao cotidiano e, de outro, como causadora de prejuízos sociais, cognitivos e psicológicos. Escóssia, em 1999, já falava sobre os efeitos contraditórios das tecnologias: elas apresentam aspectos potencializadores e despotencializadores da

subjetividade, o que de certa forma responde pelas atitudes pessimistas, de um lado, e excessivamente otimistas, de outro.

Segundo Fecchio e Santos (2016), no que tange ao acesso à internet, cada novo integrante que se insere nesta esfera virtual constitui-se como mais uma voz no ciclo de relacionamentos da sociedade contemporânea. Para os autores, este acesso pode prejudicar a esfera particular dos indivíduos, devido a exposição pessoal e à falta de privacidade que dela fazem parte. Além disso, outro aspecto negativo diz respeito as interações que são estabelecidas pelos indivíduos, já que as relações estabelecidas podem ser frágeis e facilmente descartáveis. O que ocorre é que, com o fluxo crescente de informações, não há tanta disponibilidade para um só fato, assunto ou pessoa, fazendo com que o “face a face” abra espaços para o “tela a tela”.

King et al. (2013) consideram que o acesso diário - e a permanência *online* por muitas horas - seja por motivos profissionais, por distração ou comunicação, não pode ser compreendida como dependência patológica. Neste caso, o acesso à internet não assume um aspecto nocivo ou prejudicial à vivência dos usuários, uma vez que tal uso permite ao indivíduo usufruir destas tecnologias para o crescimento pessoal, profissional ou mesmo para o desenvolvimento de relacionamentos sociais. A dependência tornar-se-ia patológica, quando passasse a comprometer a vida do indivíduo, seja pelo uso indevido ou pelas consequências indesejáveis, possivelmente manifestadas. Para Moromizato et al. (2017), tal categoria estaria acompanhada de sintomas que se revelam aos indivíduos na ausência do objeto desejado. Percebe-se, neste caso, que a Dependência da Internet não se caracterizaria pelo número de horas conectadas à rede. A característica determinante, segundo os autores, diz respeito ao impacto em uma ou mais esferas importantes da vida (relacionamentos, trabalho, desempenho acadêmico, saúde, finanças e/ou situação legal).

Guedes et al. (2016) chamam atenção para o fato de que, apesar de haver muitos estudos, pesquisas e hipóteses sobre o acesso à internet, este ainda é um tema de muitos impasses, afinal, existem inúmeras vantagens trazidas por estes dispositivos eletrônicos, ao mesmo passo que as dúvidas quanto ao uso de suas funções são constantes. Os estudos necessitam de aprofundamento, visto que não se pode correr o risco de analisar o tema a partir de eventos descontextualizados, já que se trata, atualmente, de um espaço de muitos fluxos e mediações (King et al., 2013). Segundo Dal Cin (2013), é impossível pensar no mundo atual sem a presença da internet, uma vez que ela já faz parte dos lares de inúmeras pessoas, em grande parte do mundo. Estar conectado à rede mundial passou a ser uma necessidade apresentada não só pelos indivíduos em seus domicílios, mas, também, pelas

escolas, empresas, instituições que participam do acesso às muitas informações com apenas um click.

A insaciabilidade dos desejos com a constante atividade *online* pode levar o usuário à falta de controle, sem limite para quando acessar e quando se desconectar, ocasionando, assim, o que denomina-se de excesso. Notamos, então, que o viés que predomina sobre os discursos (ainda contraditórios) é o da existência ou não da dependência. O acesso desmedido, também denominado de Dependência da Internet ou *Dependence Addiction*, é tomado enquanto controvérsia, pois não há consenso de sua existência, de como se diagnosticar e quanto aos reais efeitos que poderia proporcionar aos usuários (Meneses, 2014). *Dependence* é um termo do italiano que indica uma dependência física e/ou química, condição sobre a qual o organismo necessita de uma determinada substância para funcionar. O termo *Addiction* é originário da língua inglesa e indica uma condição geral na qual a dependência psicológica impele à procura de um objeto, sem o qual a vida se torna sem sentido.

A possível dependência da internet vem sendo pesquisada nos últimos anos com o intuito de se obter dados mais seguros para um diagnóstico ideal do problema. Essa temática vem preocupando pesquisadores e estudiosos por se tratar de uma atividade comum à maioria dos indivíduos (Dal Cin, 2013). Podemos dizer que estamos perante uma controvérsia em plena ebulição sobre o que pode ou não ser uma “dependência da internet”. Controvérsia que nasce quando pessoas e/ou grupos de pessoas começam a discordar sobre o fato, desestabilizando uma rede que até então se constituía como estabilizada. Assim surgem quaisquer controvérsias: quando pesquisadores chegam a resultados distintos, quando um fenômeno já não se define em consenso. Acompanharemos, a partir de agora, como este fenômeno é compreendido e quais são as redes que o sustentam.

4.2 O excesso enquanto controvérsia

Entendemos que “excesso” não é uma palavra inocente. Quando a usamos, logo surgem questões: excesso para quem? Em relação a qual padrão? Em qual escala situaríamos algo considerado excessivo? Isso é bom? É prejudicial a alguém ou a algum grupo? Quem considera algo excessivo? Por que? Sob qual lógica? O dicionário da língua portuguesa traz como etimologia da palavra excesso 1) aquilo que está a mais, quantidade que excede os limites comuns e ordinários de alguma coisa; 2) aquilo que excede às normas e o estabelecido

como normalidade e legalidade; 3) comportamento desmedido ou desregrado. Dos muitos excessos que se fazem presentes na sociedade contemporânea, vamos nos ater para o excesso do uso ou acesso à internet, considerado, até então, como um tema controverso, que participa do dia-a-dia da população.

Trindade (2015) traz uma discussão de que, a partir dos anos de 1990, estudiosos da psicologia e da psiquiatria sentiram necessidade de descrever indivíduos que demonstravam o uso excessivo dos novos instrumentos tecnológicos, por exemplo, o uso do computador. Os estudos se iniciaram nos Estados Unidos e a primeira tentativa de caracterização de um uso exagerado da internet ocorreu em 1995, pelo psiquiatra americano Ivan Goldberg, quando este surge com o termo “Dependência de Internet”.

No ano seguinte, a psicóloga americana Kimberly Young também conduziu uma investigação para caracterizar tal dependência, utilizando como parâmetro um conjunto de critérios do DSM-IV e categorizando este uso excessivo como um Transtorno Patológico do Impulso (Dal Cin, 2013). Para Young (2011), os sintomas da dependência da internet mudam mediante ao avanço e as transformações tecnológicas, propondo-nos a refletir sobre o quanto essas tecnologias penetram na vida dos usuários que, às vezes, acabam por utilizar a internet de forma abusiva. Ainda não há um padrão que defina as características dos ditos “dependentes”, mas alguns comportamentos passam a ser comuns, como: o uso compulsivo da internet, a preocupação constante em estar *online*, mentir ou esconder a extensão do seu comportamento *online* e uma incapacidade de controlar ou reduzir o tempo conectado (Young, 2012).

Segundo Dal Cin (2013), apesar de haver inúmeras pesquisas que revelam o contínuo aumento da conexão à internet, indicando que as pessoas estão cada vez ligadas a esta atividade, são poucos os pesquisadores que iniciaram pesquisas mais profundas buscando compreender as possíveis mudanças que as tecnologias vem proporcionando na vida de seus usuários, com ênfase na alteração de hábitos, padrões comportamentais e problemas decorrentes. Autores afirmam que o contato diário e excessivo com a internet poderia causar a dependência e o conseqüente isolamento social (Abreu et al., 2008; Sá, 2012; Young & Abreu, 2011). A navegação desperta a sensação de liberdade, visto que o indivíduo tem a possibilidade do anonimato e a permissão de uma identidade virtual, diferente daquela exercida no dia-a-dia. Com isso, a necessidade de estar conectado a estas sensações torna-se excessiva e aqui podemos dizer que “viciante” (Sá, 2012).

Há indícios de que o prazer obtido na internet não faz dela um simples instrumento, mas sim um novo mundo, no qual as pessoas podem dialogar, se apaixonar, se informar,

obter conhecimento, odiar, discutir e até mesmo desenvolver diversos tipos de relações (Trindade, 2015). Notamos, então, que a internet, neste sentido, propõe a ilusão da onipotência, uma vez que faz do novo mundo um local apaixonante, reduzindo distâncias, aumentando a velocidade dos discursos, bem como a possibilidade de executar inúmeras funções ao mesmo tempo; uma ilusão de que o indivíduo tudo pode.

O assunto sobre o uso excessivo da internet começou a ser questionado no nosso país recentemente, uma vez que é no cenário atual que os usuários brasileiros utilizam de forma assídua a internet. Seja na leitura de *e-mails*, nos informativos *online*, nos jogos de distração, nos sites de relacionamentos ou em qualquer outro acesso, podemos falar sobre uma rápida difusão e inserção da internet no cotidiano da população. Mais aqui, um questionamento se faz pertinente: o que faz de um usuário dependente? Qual a diferença entre o uso normal e o excessivo?

O excesso, segundo Dal Cin (2013), dependerá de como o usuário aceita e lida com as transformações advindas do mundo digital, variando, também, de acordo com o contexto, o uso e a vivência de cada indivíduo. Existem estudos (Fortim & Araújo, 2013) que apontam a personalidade, a dinâmica familiar do usuário, os aspectos ambientais e as relações sociais como possíveis explicações para o desenvolvimento do uso desmedido. Em momentos de angústia, os indivíduos se valeriam da realidade das telas como uma forma de enfrentamento, utilizando a internet como uma alternativa de escape e de realização, visto que esta permitiria ao indivíduo uma satisfação não vivenciada no cotidiano de suas relações concretas.

Não se pode descartar a forma como cada pessoa encara a importância das tecnologias em suas vidas. Segundo Dal Cin (2013), não é a tecnologia que modifica os seres humanos, mas sim, os próprios humanos que, ao considerarem os recursos tecnológicos como hábitos cotidianos, fazem destes algo tão imprescindível quanto o ato de respirar. Neste caso, a internet e as demais tecnologias não apareceriam como auxílio, mas como “comandantes” da vida humana.

Todas as possibilidades oriundas do avanço tecnológico, e principalmente da internet, levantam questionamentos sobre a utilização do tempo e a intensidade do acesso. Isso porque os *softwares* de navegação estão oferecendo, cada vez mais, recursos para que os usuários tenham menos mobilidade e fiquem mais tempo no mesmo espaço cibernético, fixando sua atenção no agrupamento de informações em um só lugar (Dal Cin, 2013).

Turkle (2012) afirma que a tecnologia e o manter-se conectado oferecem aos indivíduos três fantasias gratificantes: 1. Possibilidade de concentrar a atenção onde deseja; 2. Sensação de ser “sempre ouvido”; 3. Sentimento de nunca estar só. Para não quebrar tais

fantasias e se relacionar com as dificuldades inerentes à existência, muitos usuários se mantêm conectados. Tal conexão está, segundo a autora, mudando a maneira de ser, de encarar as situações e os relacionamentos sociais. Para essa autora, o problema trazido por essa nova tecnologia encontra-se, justamente, no excesso que pode acarretar efeitos negativos para a saúde física e emocional dos usuários.

De acordo com Sá (2012), a relação desmedida do indivíduo com o meio *online*, em detrimento do *offline*, encontra-se mais latente e corriqueira nas últimas décadas, o que também é ressaltado em Young (2011, p. 51), quando diz que “a dependência de internet parece ser um problema crescente que independe de cultura, etnia ou gênero”. Moromizato et al. (2017) argumentam que o acesso rico à informação, à comunicação instantânea e ao entretenimento fez crescer exponencialmente o número de usuários da web nos últimos anos, que chegou a 2,5 bilhões em todo o mundo, tendo como grupo majoritário adolescentes e adultos jovens.

Os impactos psicossociais correlacionados ao uso excessivo da internet trazidos pela literatura são muitos. Abreu et al. (2008) afirmam que o sentimento de segurança proporcionado pelo anonimato da internet parece oferecer aos usuários possibilidades menos arriscadas de envolver-se. Além disso, e de encontro com os dizeres de Young e Abreu (2011), o conforto trazido pela conexão desencadeia a impressão de minimização das ansiedades, o que gera um maior interesse pela manutenção da conexão. De fato, conforme aponta Rosado, Jager e Dias (2014), as redes sociais possibilitam o contato com novas pessoas, ampliação do círculo de relacionamentos, facilidade na informação, sem que, ao menos, o indivíduo precise sair do lugar no qual está, o que faz do virtual, um meio completamente atraente.

Fortim e Araujo (2013) asseguram que o acesso passa a ser visto como excessivo quando aparecem sinais de prejuízo vivencial: desejo irresistível de usar a rede, incapacidade de controlar seu uso, irritação quando não se está conectado e euforia assim que o acesso é obtido. De acordo com os autores, trata-se de uma admiração ou preferência pela vida virtual, aquela que dubla a realidade nas telas, em detrimento da vida presencial, o que pode provocar alterações na qualidade do sono, alimentação e atividade física, menor desempenho acadêmico ou profissional e prejuízo nos relacionamentos interpessoais (Moromizato et al., 2017).

Segundo Sá (2012), a promoção deste excesso é silenciosa, o que nos convida a compreender que o indivíduo a adquire gradualmente, sem perceber ou questionar. Greenfield (2011) afirma que para satisfazer os critérios de algo muito semelhante a uma

dependência de substâncias e que mereça a denominação de um excesso, ou mesmo, dependência, precisa haver: 1. Um comportamento que produz intoxicação/prazer (com a intenção de alterar o humor e a consciência); 2. Um padrão de uso excessivo; 3. Um impacto negativo ou prejudicial em uma esfera importante da vida; 4. A presença de aspectos de tolerância e abstinência. O ponto principal da categoria “dependente” envolveria não apenas a presença de tolerância (exigindo mais tempo de conexão, graus maiores ou variados de conteúdo estimulante, ou uso mais frequente), como também a presença de alguma forma de abstinência. Esse padrão de abstinência envolve um estado de maior excitação e desconforto psicológico e fisiológico quando na ausência de internet. Tais afirmações foram constatadas tanto por observação objetiva quanto pelo relato subjetivo de muitos pacientes que chegavam até as clínicas de atendimento com queixas relativas a uma possível Dependência da Internet (AMITI, 2018).

Ao versar sobre as clínicas de atendimento para usuários da internet citadas anteriormente, é importante ressaltar que já existem instituições que tratam este uso enquanto dependência e apresentam tratamento e acompanhamento para aquilo que chamam de disfunção. O Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso (AMITI) é um exemplo. Vinculado ao Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a instituição presta atendimento psiquiátrico e psicoterapêutico aos pacientes diagnosticados com Dependência de Internet (DI) sejam adultos, adolescentes e/ou seus familiares, desde meados de 2007. O grupo AMITI¹⁴ é composto por profissionais da Psicologia e Psiquiatria, que buscam o tratamento para a possível Dependência da Internet em uma abordagem multidisciplinar, em função do crescimento acelerado do acesso à internet e da tendência ao sedentarismo e a reclusão emocional.

Com uma abordagem multidisciplinar, o grupo AMITI atende indivíduos que apresentam sintomas desta dita dependência. Após a pré-triagem para averiguar o quadro de sintomas, o psiquiatra realiza uma consulta para avaliação, só então é oferecido ao paciente um plano terapêutico em grupo e/ou individual que constitui de acompanhamento psicológico e psiquiátrico. O primeiro passo é o Tratamento semanal de Psicoterapia de Grupo para adolescentes com a duração de 1:30hs por 18 semanas consecutivas, às quintas feiras no período da manhã. O segundo é o tratamento psiquiátrico. O terceiro a psicoterapia individual, quando necessário. O quarto diz de um grupo de orientação continuada para pais e familiares de adolescentes e adultos com frequência quinzenal, às quintas feiras pela

¹⁴ Mais informações em <https://www.proamiti.com.br/>

manhã. O quinto e último, um programa de Educação Continuada aberto ao público, denominado "Saúde Mental e Internet". O tratamento é somente para usuários que possuem 18 anos, apesar da vontade se ampliar para os jovens usuários com menos de 18 anos.

A justificativa para a criação do programa é que, cada dia mais, as pessoas buscam ajuda para o tratamento das dependências tecnológicas (Internet, vídeo game, celulares e etc.), devido a vários aspectos psicológicos (baixa auto-estima, depressão, fobias sociais, dentre tantos outros) e sociais (a solidão, isolamento e o estilo de vida nos grandes centros urbanos). Tal panorama, segundo o programa, se dá em função do crescimento acelerado do acesso a internet, no Brasil, liderar sistematicamente a lista dos países que apresentam as maiores taxas de conexão doméstica no mundo. Segundo o grupo, a tecnologia se faz tão presente que os usuários nem sequer chegam a refletir sobre a possibilidade de não possuírem tais recursos atualmente. Quase não há reflexão sobre como seriam suas vidas sem a tecnologia e como compartilhariam seu cotidiano, como fazem com o uso das redes sociais.

Dal Cin (2013) nos ajuda a compreender tamanha necessidade de acesso, ao versar que no ambiente virtual, tem-se a possibilidade de não haver, ou pelo menos evitar, as frustrações da vida. O pensamento se materializa, os indivíduos se constroem e reconstroem continuamente e já não é preciso criar desejos, pois eles já se encontram prontos e de fácil acesso para qualquer usuário. Ao se afastar do “mundo de fantasias”, o choque com a realidade traz mais força para a vida nas telas, uma vez que se trata de um ambiente de prazer, que induz os indivíduos em suas realizações digitais desmedidas, com identidades fantasiadas, experienciando sem limites o amplo ciberespaço.

Para aqueles que defendem a dependência, intervenções e tratamentos já são propostos. Dentre os tratamentos podemos citar: o acompanhamento com o AMITI, ambulatórios hospitalares, apoio pós-tratamento, grupos de autoajuda, aconselhamento familiar, grupos de apoio e oficinas educacionais para dependentes e suas famílias. Ao contrário da recuperação de dependentes alcoólicos, por exemplo, que devem se abster do álcool para se recuperarem, o tratamento para a dependência da internet centra-se na moderação e no uso controlado da internet, já que o importante não é abster-se totalmente da internet e sim saber utilizá-la de forma consciente (Dal Cin, 2013).

O grupo DELETE também defende o uso digital consciente. Trata-se de um grupo de pesquisadores e profissionais da área que se interessam pelo impacto das tecnologias no comportamento humano e desenvolvem pesquisas relacionadas desde o ano de 2008. A proposta é orientar a população sobre o uso consciente das tecnologias

(educativo/preventivo) e oferecer suporte no uso abusivo (tratamento). O DELETE é o primeiro núcleo no Brasil especializado em Detox Digital¹⁵ e institucionalizado na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), com profissionais da área da saúde, comunicação e educação (médicos, psicólogos, pedagogos e pesquisadores) para pesquisar sobre as tecnologias interferindo no comportamento humano e oferecer suporte e tratamento aos usuários abusivos de tecnologia. O trabalho do grupo é baseado em 3 pilares: 1. Prevenção (educação digital para uso consciente das tecnologias), 2. Tratamento (suporte clínico e desintoxicação digital nos casos de uso abusivo) e 3. Pesquisa (consultoria, desenvolvimento de estudos e artigos científicos). Mas, como saber se você é um dependente do acesso à internet?

A autora Pirocca (2012) aponta que ainda não existem muitos instrumentos apropriados para medir tal disfunção. A maioria das escalas, atualmente utilizadas, são adaptadas de outros comportamentos desadaptativos já conhecidos e investigados, como a dependência dos jogos eletrônicos e, portanto, não possuem a mesma precisão e garantia de um teste específico. O Teste de Vício em Internet, o IAT (ou *Internet Addiction Test*), é a primeira medida validada e tida como confiável do uso dependente da internet, desenvolvido pela psiquiatra Kimberly Young. Embora vários instrumentos tenham sido utilizados para avaliação sobre o uso da internet e sua possível dependência, o IAT ainda é o mais utilizado e o que conta com mais versões validadas para os mais diversos idiomas.

O teste IAT diz respeito a um questionário de 20 itens que medem os graus leve, moderado e severo o dito vício em internet. Para avaliar os possíveis graus da dependência, é necessário que o usuário responda algumas perguntas (relacionando o uso às vivências do dia-a-dia), utilizando uma escala que vai do 0 = nunca ao 5 = sempre. Ao final do teste, somam-se os pontos obtidos, comparando o resultado com aqueles expressos na tabela. (The Center for Internet Addiction, 2018). Quanto maior sua pontuação, maior o grau de severidade da dependência. O teste se propõe a medir a extensão do envolvimento pessoal frente à tela digital, classificando o comportamento dos usuários como uma dependência que pode ser leve, moderada ou grave¹⁶. Na avaliação das propriedades psicométricas pela análise de fatores, foram identificados seis domínios: saliência, uso excessivo, abandono do trabalho, antecipação, falta de controle e abandono da vida social (Conti et al., 2012).

¹⁵ O Detox Digital refere-se a um programa de imersão de 1 ou 2 dias voltado para educação digital ou desintoxicação tecnológica, que combina treinamento teórico com vivências práticas mostrando que é possível desconectar do mundo virtual e conectar no mundo real.

¹⁶ O teste encontra-se em anexo.

Percebe-se que se trata de um teste autoadministrado em que o próprio usuário indica a frequência de comportamentos vinculados à internet e o grau em que estes comportamentos afetam sua existência. No entanto, se pensarmos por uma segunda via de raciocínio, veremos que algumas questões podem estar atreladas à uma expectativa quanto a produtividade de um sujeito. É possível verificar esse fato nas questões sobre o rendimento escolar, atividades acadêmicas, universo profissional. Poderíamos pensar, então, sobre esta maneira de categorizar que oprime o modo de ser de cada indivíduo, procurando enquadrá-lo nos moldes de uma sociedade que, muitas vezes, apresenta-se como opressora e fria. Das muitas conjunturas presentes no questionário que não visualizam a satisfação pessoal e o tempo próprio de cada usuário, também podemos falar das questões relacionadas ao trabalho. Quanto de trabalho justificaria o uso excessivo da internet? Visto o fenômeno por outro ângulo, quanto o uso da internet poderia ser considerado não excessivo se dedicado a trabalho ou ao estudo? O quanto precisamos render/produzir para sermos considerados “normais” na sociedade contemporânea? O quanto a sociedade tem procurado por indivíduos padrão, por seres humanos construídos em moldes?

Diante do quadro social em que vivemos, fundado no poder, nas categorias e no consumo, fica evidente que os indivíduos passaram a criar outros padrões para se coligar e ter uma aceitação. Não estamos mais falando de parentesco, vínculos, admirações pessoais, estamos falando de “padrões sociais” que se fundam na capacidade de compra, na aparência do poderio, neste modelo desumano de catalogar as pessoas. Em última instância, o problema da mídia remete ao problema da pluralidade de enquadramentos e perspectivas que constituem o discurso midiático. Trata-se da concentração do acesso à produção dos discursos que a mídia faz circular. Estamos bem vinculados com o que ela nos oferece?

A dificuldade de separar o uso da internet por necessidade e o uso por seu abuso, pode facilmente mascarar o diagnóstico de dependência ou categorizar indivíduos sem necessidade. Para nos atentarmos um pouco mais sobre este uso, passaremos ao capítulo seguinte com falas e experiências daqueles que realmente experenciam o acesso à internet e que podem nos deixar suas experiências e compreensões sobre a temática.

5 SOMOS TODOS RELAÇÃO

5.1 Bem ou mal vinculados?

Para versar sobre os vínculos dos humanos com as tecnologias, optamos por amplificar a voz daqueles que experienciam o tema e são porta-vozes deste assunto. Sabendo que nosso ponto de coleta de dados é a própria rede, isto é, a própria internet, elegemos 9 publicações deixadas na internet, em um conjunto de páginas da *web*, a fim de acompanharmos, mais de perto, as controvérsias construídas. Procuramos articular as falas encontradas com a literatura sobre o tema, para avançarmos um passo a mais nesta teia de conhecimentos sobre a Dependência da Internet. Os relatos espontâneos trazem, em comum, a experiência com o acesso à internet, sejam estes indivíduos profissionais da área, os próprios usuários ou até mesmo amigos e/ou familiares que participam do dia-a-dia dessas pessoas.

Essas postagens foram retiradas do próprio terreno que desejávamos mobilizar. Por uma questão de acesso, permissão e compatibilidade com o tema, optamos por acompanhar, selecionar e refletir sobre os dados encontrados em um campo virtual. Mapeamos parte das redes sociais e com isso, obtivemos dados preciosos e de grande relevância para esta pesquisa. Compreender a temática da Dependência da Internet enquanto rede implicou em analisar o acesso, assim como os atores envolvidos, como resultantes de diferentes conexões entre lugares, pessoas, cosmos, economia, profissão, entre outros elementos que se associam para produzir um efeito. Pela estrutura dinâmica da rede, ora pudemos observar a aceitação da dependência como patologia, com tratamentos e intervenções, ora como conexões que se materializaram no cotidiano das pessoas e se apresentam como uma prática natural da sociedade contemporânea.

Nosso primeiro achado é uma publicação feita na rede social *Instagram*, que nos convida a refletir sobre as vantagens trazidas pelo acesso à internet. Em uma conta pública do *Instagram*, a psicóloga M.R.B.N. publica “*Não estamos viciados em smartphones, mas viciados em interação social*”. A psicóloga faz um questionamento sobre a utilização destes recursos e afirma que “*o uso dos smartphones tem por maioria das vezes ligação com os aplicativos de redes sociais que nos leva a interações com outras pessoas e isso tem a ver com uma necessidade normal: o desejo humano de se conectar com outras pessoas*”. Segundo M.R.B.N., é necessário atentar-se ao ritmo e tempo gasto com o acesso, mas afirma ser natural a vontade de estar conectado a alguém, a todo instante.

É o que explica Pirocca (2012), ao falar que muitos usuários têm utilizado as redes sociais digitais na tentativa de aplacar a solidão. Segundo ela, a internet em sua estrutura é uma rede social digital e suas conexões fazem com que os usuários estejam interconectados por aparatos tecnológicos que são capazes de ligar o mundo das relações concretas ao mundo das telas ou também chamado mundo digital. Santos et al. (2017) afirmam ser a internet uma ferramenta que muito favoreceu a estrutura das sociedades contemporâneas, principalmente nos quesitos comunicação e interação, o que acaba indo contra à concepção do excesso como produtor de uma dependência virtual. Somado a isso, e de encontro com Rosado, Jager e Dias (2014), as formas de acesso ao saber, conteúdos e informações por meio das tecnologias virtuais revolucionaram as relações interpessoais no mundo, possibilitando encontros, construção de novos vínculos e, até mesmo, as trocas.

No entanto, apesar de unir pessoas com interesses em comum, independentemente de sua localização geográfica, temos exemplos de alguns casos que experienciam o excesso desses recursos. Para Young (2011), uma explicação para este fato é que os usuários utilizam a internet e seus recursos para buscar um significado psicológico ou uma conexão que seja capaz de desenvolver vínculos emocionais para que os indivíduos se sintam próximos uns dos outros. Essas conexões virtuais favorecem as necessidades que não são atendidas no meio real, preenchendo as possíveis falhas e carências interpessoais. Neste caso, as limitações pessoais de cada usuário, sejam elas, físicas ou emocionais, podem ser superadas com a tela digital, possibilitando uma aceitação que pode não ocorrer no dia-a-dia de suas relações.

Marcos Antônio Abud, neurocientista e psiquiatra da USP, revelou em um vídeo deixado na rede, em agosto de 2018, que a internet e os recursos que dela advém são muito importantes para gerar conhecimento. Segundo ele, *“são ferramentas tão poderosas que algumas pessoas têm se tornado dependentes deste tipo de funcionalidade”*. Abud afirma que, em se tratando da grande área da dependência da internet, pode-se falar em 5 subgrupos: 1. Dependência de cibersexo (*“pessoas que procuram por câmeras e pornografia na internet”*), 2. Dependência de jogos e apostas *online*, 3. Dependência de jogos virtuais *online* (*“tanto no smartphones quanto no computador”*), 4. Dependência de sites de relacionamentos (*“pessoas que usam de sites e aplicativos para paqueras e para conhecer pessoas”*), 5. Dependência de informação (*“pessoas que ficam entrando repetidamente em sites de notícias e blogs, fazendo várias pesquisas. Isso se torna uma dependência!”*).

Segundo Abud, para entender se o caso é dependência ou não é necessário analisar três sintomas principais:

1. Se o usuário possui prejuízos para cumprir com as obrigações do dia-a-dia e do trabalho, optando por dedicar muito tempo à internet;
2. Se já existem problemas no relacionamento com as pessoas, isto é, se as relações com amigos e familiares são agravadas pelo uso da internet e/ou se este uso serve como uma compensação/substituição para aquelas;
3. Se o ato de se afastar do celular ou do acesso à internet gera sintomas físicos no indivíduo, aproximando-o das sensações de abstinência (Ex.: irritabilidade, euforia *etc.*)

Quando se trata de um caso de dependência, conforme aponta Abud, os problemas trazidos podem se acoplar a outros, como o surgimento de outras dependências (como a química), os quadros depressivos, ansiosos e o TDAH. Além disso, podem ocorrer prejuízos no âmbito financeiro, pelas compras exageradas, o isolamento social e os declínios profissionais, decorrentes do uso excessivo da internet nos ambientes de trabalho. Como estratégias para estes casos, Abud propõe o controle ao acesso, pois, segundo ele, este uso oferece sensações tão gratificantes que fazem da internet um local prazeroso. Entre essas sensações, ele cita: a mobilidade, a sensação de estar no controle de tudo e as recompensas de pessoas (os *likes*, o alcance das metas nos jogos). Essas recompensas são inesperadas, capazes de manter os usuários *online*, esperando seu retorno. O controle ao acesso é um desafio, mas Abud deixa algumas dicas: *“afastar fisicamente o aparelho do corpo (para dificultar o acesso a todo instante) e procurar dormir com o aparelho distante da cabeceira”*.

De forma a complementar os dizeres de Abud, uma entrevista do Domingo Espetacular (2017), intitulada como “Uso em excesso da internet pode gerar dependência”, é possível acompanhar o caso de L.C.P., mulher, mãe de dois filhos, casada, residente em São Paulo e que relatou ao programa sua experiência com o uso da internet. Em um discurso público e livre para acessos, L.C.P. diz sobre o quanto se considerava dependente da realidade virtual: *“Pedi a conta do serviço para ficar mais tempo no celular. Enquanto eu trabalhava, as duas horas do almoço que eu tinha também era para o celular”*. A jovem L.C.P. precisou de 8 meses em uma clínica para se libertar da dependência digital. Passou por sintomas de abstinência, da mesma maneira como ocorre com o uso das substâncias psicoativas. *“Eu ficava imaginando o celular debaixo do travesseiro. Tentei fugir 3 vezes da clínica, mas não consegui”*. Meses após o tratamento, L.C.P. afirma que hoje já consegue fazer o uso da internet de forma controlada, mas precisa ficar atenta e dosar o tempo que fica *online* para que a situação do internamento não seja, outra vez, uma necessidade.

De acordo com Young (2012), os casos considerados como dependência da internet são caracterizados por um comportamento compulsivo que interfere de forma destrutiva na vida pessoal e profissional do usuário. A internet, nestes casos, torna-se uma finalidade de vida, sacrificando qualquer outro âmbito da vida em favor dela. Quando isso ocorre, os indivíduos podem sofrer dos mesmos comportamentos que aparecem em outros tipos de dependência, como exemplo, as crises de abstinência.

Em outra página pública do *Instagram*, com a *#viciointernet*, o uso abusivo dos computadores e de aparelhos eletrônicos com acesso à internet é tratado como uma temática que merece atenção por parte de pesquisadores e usuários. Na postagem, uma imagem de uma mesa farta em vários tipos de alimentos e no canto uma cesta com 12 aparelhos celulares dentro. Na legenda da imagem, a seguinte informação: “*O primeiro que pegar o celular paga a conta. Quero ver agora a conversa não fluir!*”. A imagem representa as muitas queixas que circulam pelo mundo contemporâneo, isto é, os celulares roubando a cena de encontros presenciais e reuniões com amigos e famílias. É o que Young (2012) aponta ao versar que um fator preocupante na dependência de internet é quando ela vira prioridade na vida do usuário que negligencia outras coisas importantes, como amigos, família e trabalho, para estar sempre conectado. Percebe-se, com isso, que alguns usuários já sentem dificuldades em se manter longe destes recursos virtuais, a ponto de a provocação presente na imagem simbolizar, com precisão, o que muitas vezes ocorre em nosso dia-a-dia.

O site *Excesso faz mal*, aberto a qualquer acesso e com explicações sobre o uso, consequências e depoimentos sobre o vício em internet, traz uma pesquisa da UOL Tecnologia, buscando entrevistar quem abusa do telefone celular. A pesquisa contou com 10 entrevistas de pessoas com idades de 16 a 68 anos. No entanto, somente 4 delas estão livres para estudos e aprofundamentos. Nas falas relatadas, encontramos usuários que admitem exagerar no tempo gasto com as tecnologias, outros negam o rótulo de dependência e há aqueles que já se conscientizaram do abuso e estão procurando manter o controle deste hábito.

A primeira entrevistada é J.M., de 18 anos, estudante. Ela se considera viciada no aparelho e diz “*uso para tudo*”, confessando que os aplicativos mais utilizados por ela são *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*. A relação inseparável com o *iPhone* faz com que a família da moça fique preocupada, pois nem mesmo em um restaurante a menina consegue se separar do celular. Nos períodos de aula, J.M. tem dificuldades para não acessar o aparelho, uma vez que a escola não permite o uso no período de estudo. Ao ser questionada sobre o

acesso, enquanto está na escola, J.M. diz: *“Vejo no intervalo, na troca de aulas, quando vou ao banheiro”*, o que nos permite compreender um pouco deste excesso.

A gerente de produtos, D.L., de 32 anos, também corrobora com os dizeres anteriormente relatados. Ela possui dois aparelhos telefônicos com acesso à internet, sendo o segundo da empresa onde ela trabalha. A dependência é aceita por ela com naturalidade. Hoje, ela acredita que não conseguiria mais viver sem os aparelhos. Devido ao grande uso, D.L. já desenvolveu conflitos com a mãe, com o namorado e com o próprio trânsito, ao se dirigir para o trabalho. Em uma de suas frases ela afirma: *“Sou completamente viciada e fico tentando convencer as pessoas de que é legal”*, insiste. E acrescenta: *“Sei que não tenho limite e minhas amigas vivem me chamando a atenção por isso. Não me incomodo de estar sempre conectada, mas me incomodo que as pessoas à minha volta se irrite com isso”*. Dal Cin (2013) revela que o mundo digital é desejável e possibilita a fuga de muitos ambientes frustrantes. Ao se deparar com uma realidade que não se quer, o primeiro ato de todo usuário é o de voltar a se conectar aos ambientes que trazem prazer.

Outra entrevistada é S.S., 21 anos, analista de mídias sociais. O trabalho de S.S. exige que ela fique conectada o dia todo. Ela relata: *“se fico fora da internet meia hora, perco muito conteúdo”*. No entanto, ela admite que o uso também se encontra em sua vida pessoal. Ao falar da internet fora do contexto de trabalho, ela acrescenta: *“uso da hora que acordo até quando vou dormir. Começo o dia vendo no aparelho como está o tempo, para então decidir que roupa usar”*. Os aparelhos tecnológicos, neste sentido, podem ser considerados “próteses tecnológicas”, aliadas à potencialização das incompletudes humanas. Além disso, a proximidade entre homem e máquina leva ao que os autores chamam de “cabeças digitais”, o que pode ser demonstrado nos relatos acima pela grande necessidade de utilização dos aparelhos tecnológicos (Dal Cin, 2013).

Outro contribuidor para a temática é C.M., 31 anos, consultor de marketing político. Ele afirma ser necessário o autocontrole para não usar o celular ao dirigir, em reuniões e até em compromissos sociais, com amigos e familiares. Acredita que seria muito difícil voltar a usar um aparelho sem as funções de um *smartphone*, já que os aplicativos desenvolvidos muito contribuem para o mundo de hoje. Fã dos aplicativos *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, ele admite que os amigos reclamam de seu hábito, mas defende que o aparelho funciona como ferramenta profissional e facilita a comunicação também para o trabalho. *“O vício não é necessariamente ruim. Nesse caso, existem os lados positivos e negativos”*, defende C.M.

C.M. reconhece que o hábito de estar sempre de olho no aparelho pode tornar seu dono uma pessoa inconveniente, ao interagir mais com o celular do que com as pessoas a sua volta, mas reafirma que tudo é uma questão de planejamento e autocontrole. Observa-se, neste caso que, apesar de a rede virtual possuir inúmeras possibilidades, a real é mais sólida, constituída de família, amigos, pessoas mais próximas. A base e a origem dessas redes se originam pelos primeiros contatos presenciais e, neste caso, C.M. a reconhece muito bem. Notamos, aqui, o primeiro usuário, com forte acesso, negando a própria dependência, o que nos confirma o quanto a temática continua controversa.

Em uma matéria publicada no *Brasil Post*, G.G. apresenta uma visão muito distinta dos discursos apresentados anteriormente e lança um novo posicionamento sobre a temática do vício: “*O oposto de vício, portanto, não é sobriedade. É conexão humana.*” No início do conto, G.G. já induz um questionamento que foi, também, perpassado durante todo o decorrer de nossa pesquisa, isto é, “*o que faz algumas pessoas se fixarem em uma droga ou um comportamento a ponto de não conseguirem parar*”?

Como resposta a tal pergunta, a matéria traz que, nos anos 80, experimentos com ratos buscavam explicar a ideia de vício. Nesses experimentos, colocava-se um rato em uma gaiola, isoladamente, com duas garrafas contendo água. Um recipiente só de água e o outro com água misturada com cocaína ou heroína. Em quase todos os experimentos analisados, o rato ficava obcecado com a água com drogas e a tomava até morrer. No entanto, um professor de psicologia de Vancouver, chamado Bruce Alexander, notou que, se o rato permanecia sozinho e sem nada para fazer na gaiola, exceto usar a droga, talvez esse contexto seria a explicação para tal preferência. Ele propôs a seguinte intervenção: desenvolver uma gaiola sofisticada, onde os ratos tivessem bolas coloridas e túneis para brincar, outros ratos como companhia e uma boa alimentação. Nessa gaiola existiria o recipiente com a água pura e com a mistura de droga. Os resultados, desta vez, foram distintos, pois os ratos presentes nessas gaiolas não optavam pela água com drogas e sim, pela água natural.

A explicação para tal acontecimento foi construída a partir da ideia de que o vício então não seria uma fraqueza moral ou uma doença que existe em um cérebro quimicamente sequestrado. Seria sim, uma adaptação, uma resposta a determinada situação. Trazendo os experimentos com os ratos para a temática da dependência da internet, o acesso seria, então, uma adaptação? Podemos versar sobre seres humanos que possuem necessidades de estabelecer laços e conexões. Neste sentido, se não é permitido uma conexão presencial com os outros, vamos nos conectando com o que encontramos e desenvolvendo, assim, as

ligações. No caso dos ratos, a ligação com a água com drogas dava-se pela impossibilidade de se desenvolver outras conexões.

Segundo G.G., *“se as drogas em si não são as causadoras do vício, na verdade, é a desconexão que causa o dito vício”*. E complementa: *“O crescimento do vício é sintoma de uma doença mais profunda na maneira como vivemos: constantemente olhando para o próximo objeto brilhante que queremos comprar, em vez dos humanos que nos cercam”*.

Notamos, então, que 6 dos discursos publicados se assumem como adeptos à dependência da internet, 2 deles se configuram na negação da dita dependência e 1 actante se coloca em uma postura diferenciada, que muito nos convida a refletir. Pode-se depreender que as principais semelhanças percebidas entre todas as postagens se referem à rede de contatos virtuais ser maior do que a real, além da possibilidade de se conectar às várias pessoas ao mesmo tempo e de forma rápida. O que diferencia os argumentos e os classifica em “casos de dependência” e “uso normal” é a maneira como cada usuário e/ou indivíduo lida com o meio virtual e como é o planejamento de cada um em relação às horas conectadas à rede. Após mobilizar uma parcela do fenômeno, a próxima estratégia é transportar esses relatos das redes sociais para discussões acadêmicas vinculadas à teoria que embasa este estudo (a Teoria Ator-Rede). O próximo tópico compromete-se, então, em reunir as inscrições coletadas e estabelecer as ligações possíveis.

5.2 O que os híbridos “fazem-fazer”

Embasadas nos discursos anteriormente citados, e apoiadas pela Teoria Ator-Rede, podemos refletir sobre o quanto um fato ou um artefato, por mais singular que pareça, é o resultado de uma rede heterogênea, onde a ação de pesquisar oferece uma excelente oportunidade para abrirmos e/ou acompanharmos as controvérsias em torno de um fenômeno ou objeto de estudo e investigação. Ao tratar da Dependência da Internet, pode-se notar a complexidade que envolve o tema e o quanto este fenômeno ainda se constitui como uma caixa-cinza¹⁷. Segundo Latour (2008), acompanhar um fenômeno ainda em estado de magma é ser capaz de voltar aos bastidores e testemunhar a intrigante fusão de atividades humanas e não-humanas.

¹⁷ Essa denominação surge em oposição ao termo “caixa-preta” de Latour, quando ele afirma que o uso das caixas-pretas seria correto para se referir a fenômenos estabilizados, em que os discursos que o rodeiam se apresentam em consenso e não mais como questionamentos e debates. A utilização da caixa-cinza procura mostrar um fenômeno em disputa, ainda não acabado e/ou estabilizado. Significa dizer que os debates continuam em aberto e que ainda se constitui como um tema controverso.

A Dependência da Internet é um fenômeno que afeta (e é afetado) por uma série de actantes, como foi percebido mediante a revisão da literatura e nos discursos apresentados pelas redes sociais. Por se tratar de um fenômeno recente, identificamos inúmeras controvérsias ao seu redor, que incluem características, percepções e conhecimentos de profissionais, usuários e instituições. Por isso, quando falamos nas relações entre o humano e a internet não estamos tomando-os como elementos neutros ou isolados. Em sincronia com o Princípio de Simetria, apresentado por Latour, entendemos que ambos são capazes de se modificar na medida em que se relacionam.

Latour exemplifica o princípio anteriormente citado a partir de uma relação entre o marionetista e a marionete (Latour, 2008). Quem age nos palcos, a marionete que é conduzida pelo marionetista ou o marionetista, que tem a marionete enquanto objeto de trabalho? Entendemos, junto à Teoria Ator Rede, que a ação vem de um terceiro elemento, que é um ator híbrido, construído no decorrer da apresentação teatral. Trazendo o exemplo para nossa temática, Haraway e Kunzru (2009) propõem o seguinte questionamento: onde termina o humano e onde começa a máquina? Essa pergunta interroga não somente a existência e natureza das máquinas, mas, também, a natureza do próprio humano. Afinal, quem somos nós? Talvez, como resposta, possamos apontar o intenso acoplamento entre o que é do humano e a materialidade das coisas.

Somos capazes de versar sobre um usuário que interfere sobre os dispositivos eletrônicos, conferindo a eles diferentes usos e sentidos e permitindo a estes humanos desenvolver novas habilidades afetivas e cognitivas. Mas, também, somos capazes de refletir sobre um dispositivo eletrônico adequado para desenvolver situações e problemas, desafiando as competências humanas e possibilitando o aprimoramento dos acontecimentos da vida cotidiana. Uma interação que ocorre nos coletivos e que podemos chamar de *ciborgue*. Segundo Haraway e Kunzru (2009), os ciborgues encontram-se na fronteira que aproxima a máquina do organismo, fundindo-os.

Compreendemos o ciborgue ao pensarmos nos órgãos artificiais, seres geneticamente modificados, implantes, transplantes, enxertos, próteses, anabolizantes, clones, vacinas, realidades virtuais, isto é, tudo aquilo que interage entre a máquina e o humano. O ciborgue nos força a pensar não mais em termos de sujeitos puros, mas em fluxos e associações que não exigem barreiras entre o humano e o não humano (Haraway & Kunzru, 2009). Observa-se, portanto, que com o desenvolvimento do ciborgue surge uma concepção de ser humano não mais regido (exclusivamente) por estruturas fundamentalmente biológicas (e/ou físicas), mas enquanto um organismo composto, desenvolvido em meio a muitas interações. Para

Haraway, a sociedade contemporânea implica em uma relação tão íntima entre as pessoas e as tecnologias que já não é mais possível tornar precisas as fronteiras de onde é que nós acabamos e de onde começam as máquinas.

Por mais complexo que pareça este pensamento, os ciborgues estão espalhados por todos os lugares. Não se trata de um exercício intenso e desgastante saber quanto de materialidade temos em nosso corpo, em nossa pele. Basta você pensar que, neste instante, você se encontra diante de um computador (em sua materialidade), frente a um sinal luminoso, lendo uma dissertação produzida por humanos. Basta se dar conta que essa é uma realidade ciborgue, que não se limita a estar à nossa volta, mas que antes disso, nos incorpora, fazendo parte de nossas rotinas e atividades do dia-a-dia. Avançando um pouco mais neste contexto, propomos a ideia do vínculo, que nos permite pensar nas articulações que, a todo tempo, fazemos e no quanto as construções humanas são dotadas de relações.

O fenômeno da Dependência da Internet pode, então, ser compreendido enquanto uma rede de diversos materiais que interagem entre si. No nosso estudo, vários foram os atores que se combinaram para compor as investigações em relação a este tema: os usuários e suas famílias, as clínicas ou instituições para tratamentos, os manuais de diagnóstico, os profissionais que atuam na área, a literatura produzida e os especialistas/investigadores que se interessam pela temática. Um emaranhado de contribuições que fazem desta rede um espaço heterogêneo. A noção de heterogeneidade é o que possibilita à TAR ocupar um lugar distinto no quesito “estratégias metodológicas”, justamente por nos libertar das amarrações padronizadas da sociedade (as muitas divisões, a separação entre sujeito e objeto, a superioridade dos humanos em relação aos objetos técnicos, a tendência à patologização e categorização, entre outros) e permitir a flexibilidade.

Ao acompanhar os discursos postados em redes sociais públicas, notamos que os indivíduos que experienciam situações do uso constante da internet não ocupam uma mesma posição social. Falamos de especialistas da área, mas falamos, também, de usuários, pessoas, que acessam a internet no ambiente domiciliar. Falamos de hierarquia social, das amarras de poder, das tentativas de categorização e padronização. A temática da dependência é, realmente, resultado de uma rede complexa de atores, atuantes em um local híbrido, chamado virtual. Por se tratar de um território público, onde as falas podem ser rastreadas e acessadas a qualquer instante se trata de um local apropriado para que os discursos individuais possam chegar a uma coletividade e avançar alguns passos no conhecimento acerca deste tema-conflito.

Os discursos deixados em redes sociais, compartilhados em um ambiente público, contam histórias e mostram posicionamentos distintos, mostrando-nos o quanto o tema ainda causa dúvidas e opiniões divididas. Dos relatos contados, surgem reflexões: Porque a dependência da internet continua sendo um fenômeno em estado de magma? O que impossibilita a estabilização do fenômeno, isto é, que ele se torne uma caixa-preta? Não como resposta a estas perguntas, mas como possibilidade de reflexão, podemos afirmar que a temática da dependência da internet está aquecida por muitos pontos de vista e são, justamente, estes discursos que a mantêm em estado de ebulição. Há grupos interessados exclusivamente no acesso, há grupos de poder, com influências sociais, há grupos regidos por instituições e adeptos aos processos de categorização e padronização do humano. Há muitos grupos.

Ao tratar dos discursos de poder, não podemos deixar de citar os administradores das redes sociais que, mediante a algoritmos, bombardeiam o usuário com notícias, postagens e infomações que versam exatamente sobre seus interesses, retroalimentando as necessidades de acesso altamente gratificantes, pois partem exatamente das buscas do usuário. Trata-se de uma sobrecarga de conteúdos, os quais chegam em nossas telas sem nossa permissão e controle. Inicialmente, pensamos se tratar de simples informações que chegam pelas telas luminosas e sincronizam-se com os desejos dos homens. Mas, estamos falando de um acaso? Biroli (2011) aponta que os meios de comunicação de massa, em especial a internet, consistem em uma arena de muitas disputas e representações da realidade social. Neste terreno, estão implícitos valores, julgamentos, discursos, padronizações que, em vários níveis, produzem efeitos na vivência de seus usuários, seja naturalizando/confirmando determinados estereótipos ou remodelando “as maneiras de ser” do humano.

Ao versar sobre categorização de fenômenos da vida cotidiana e sobre a forma como cada indivíduo rege sua existência, não podemos esquecer de ressaltar o DSM¹⁸. O uso da internet aparece incluso no DSM-V. No entanto, o diagnóstico apresentado se refere aos critérios propostos no diagnóstico do Transtorno do Jogo pela Internet que, segundo o manual, trata-se de um uso persistente e recorrente da internet para envolver-se em jogos, frequentemente com outros jogadores, levando a prejuízos clinicamente significativos ou

¹⁸ O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) ou Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais é um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association - APA). É usado ao redor do mundo por clínicos e pesquisadores, bem como por companhias de seguro, indústria farmacêutica e parlamentos políticos. Encontra-se, hoje, em sua quinta revisão publicada em maio de 2013.

sofrimento em um período de pelo menos 12 meses. O uso excessivo da internet que não envolve os jogos *online*, e sim o acesso às mídias sociais, não é considerado análogo ao transtorno do jogo pela internet e pesquisas futuras sobre os demais usos excessivos da internet precisariam seguir diretrizes similares, conforme apontado pelo DSM-V.

Realizar um distanciamento dos padrões e dos critérios diagnósticos, para ouvir as vozes daqueles que realmente experienciam a dita “Dependência da Internet” foi o principal objetivo deste trabalho. Nos propusemos a questionar o saber moderno existente em nossa sociedade e indagar sobre a exclusividade e dominação dos humanos. Não estamos desmerecendo nossa espécie e a colocando em uma posição de inferioridade. Ao contrário, estamos trabalhando na ideia de fabricação, de construção, que está intimamente ligada às noções de rede. Neste contexto, não faria sentido pensarmos a coletividade como um processo de relações entre (e simplesmente) humanos, já que tudo o que existe é um processo de muitas ações e vínculos. Por falar em vínculos, você já pensou nos tantos vínculos que já estabeleceu hoje? Em que realmente nos vinculamos? Qual a participação dos não-humanos na sua vida e trajetória? Despsicologizar, segundo Tsallis et al. (2006) não seria abandonar a psicologia e as muitas concepções que a formam. Seria, apenas, ampliar as possibilidades de alianças com os não-humanos e compreender a díade homem-máquina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de mestrado trouxe como objetivos principais acompanhar e descrever uma parcela das controvérsias que envolvem o tema da Dependência da Internet e converter todos os achados em uma peça de escrita. A investigação se caracterizou por um estudo descritivo, cuja o objeto empírico se localiza em um ambiente com características específicas: uma virtualidade, mediada pelas tecnologias digitais e diluídas em redes sociais, através de um aglomerado de discursos, vozes, postagens, vídeos e opiniões. Nossa primeira constatação vem de uma sociedade marcada por diálogos de diferentes orientações teóricas. Uma época que traz várias formas de expressão humana, distintas maneiras de interação social, novos meios de representação de si e novas estruturas comunicacionais, remodelando assim os modos de ser (do humano) e tornando obsoletos os padrões de representações sociais até então vigentes.

Como já foi discutido no decorrer de toda a pesquisa, a internet é um fenômeno inédito que participa da atualidade. Por meio dela, os indivíduos obtiveram grandes avanços, como o acesso e a conexão a instituições, documentos e/ou pessoas. As conexões são mediadas pelas redes sociais, oferecendo aos usuários um paradoxo de uso. De um lado, possibilitam às pessoas a interação social, o acesso à informação, os avanços institucionais e as facilidades sem que estas tenham que se deslocar do lugar onde se encontram e, por outro, podem contribuir para banalizar as relações, produzir relacionamentos descartáveis e sem vínculo, além de permitir o surgimento do excesso frente às telas luminosas que, por sua vez, seriam responsáveis pelos declínios no rendimento escolar e no trabalho, além do isolamento social, dificuldades na alimentação, entre outros problemas ou queixas.

Nosso objetivo não se constituiu em tomar um lado como verdade e desmerecer o outro. Procuramos, a todo instante, compreender o sentido que o indivíduo atribuía para o uso da internet e, mais ainda, como essa conexão era compreendida. Tratava-se de uma dependência? Ou o uso se constituía como hábito natural do dia-a-dia da população? Encontramos os dois extremos do discurso, mas também acompanhamos falas sobre a mediação, isto é, sobre a necessidade de se desenvolver um uso saudável destes recursos e, neste caso, a questão do controle vai de encontro às necessidades e desejos de cada indivíduo.

Sabemos que os estudos das relações entre os indivíduos e as novas tecnologias são de grande relevância para o progresso científico, uma vez que são temas ainda em construção, ocasião privilegiada para testemunharmos as associações que são edificadas.

Apesar de apresentarmos todo o cuidado necessário ao se versar sobre a temática envolvendo a Dependência da Internet, é importante salientar que os pontos positivos destas tecnologias devem ser conservados a todo instante e os efeitos que vão no caminho contrário a esta positividade, passíveis de olhares detalhados. As redes sociais têm sido um espaço propício para romper com o silenciamento de temas que ainda não se constituem como caixa-preta, seja para buscar apoio e informações, assim como para propor novos espaços para o debate coletivo dos fenômenos.

Não tivemos, em momento algum, a pretensão de condenar a disseminação das tecnologias digitais ou o uso da internet. Convidamos para reflexões que rompam com dicotomias, repensem os padrões e sejam capazes de estabelecer uma relação saudável entre homens e máquinas. Não pretendemos, ainda, padronizar o uso, construir critérios diagnósticos, teorias para rotular usuários ou mesmo incluir aspectos patológicos na utilização da internet. Ao contrário! Nossa intenção é propor perguntas para que, a partir delas, outras concepções sejam desenvolvidas e outros olhares direcionados.

O convite foi feito: reabrir a caixa! O que considerar da relação usuário-computador? Como sustentar a Dependência da Internet a partir de entidades puras, sem levar em conta a produção de uma legião de híbridos? Como explicar relações de causa e efeito, sem incluir a mediação? Poderíamos versar sobre um humano puro e a exclusiva materialidade dos objetos? Retomando a tira em quadrinhos de Mafalda, presente no início desta dissertação, nota-se que o pai de Mafalda se engana, uma vez que nem ele domina o cigarro e nem é dominado por ele. Trata-se, portanto, de um processo de “faz fazer” que não permite falar de causalidades, uma vez que vivemos em um sistema de inúmeras relações.

REFERÊNCIAS

Abreu, C. N., Karam, R. G., Góes, D. S. & Spritzer, D. T. (2008). Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30(2), 156-167. Recuperado em 12 de dezembro de 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v30n2/a14v30n2.pdf>

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Biroli, F. (2011). Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, 6, 71-98, jul./dez. Recuperado em 15 de setembro de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a04>

Bruno, F. (2012). Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. *Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, 19(3), 681-704, set./dez. Recuperado em 13 de dezembro de 2017, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12893>

Conti, M. A., Jardim, A. P., Hearst, N., Cordás, T. A., Tavares, H., & Abreu, C. N. (2012). Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do Internet Addiction Test (IAT). *Revista. Psiq. Clín.*, 39(3), p.106-10. Recuperado em 17 de julho de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v39n3/a07v39n3>

Dependência de internet. Recuperado em 20 de Agosto de 2017, de <https://www.dependenciadeinternet.com.br/index.php?panel=#home>

Dal Cin, I. C. T. P. (2013). *Dependência de internet: um estudo com estudantes e profissionais da área de TI em Belo Horizonte*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade Novos Horizontes, Programa de Pós-Graduação em Administração, Belo Horizonte.

Escóssia, L. (1999). *Relação homem-técnica e processo de individuação*. São Cristóvão, SE: Editora UFS.

Excesso faz mal. Recuperado em 20 de agosto de 2018, de <https://excessofazmal.weebly.com/o-viacutecio.html>

Fecchio, T. T., & Santos, J. R. O. (2016). Impactos psicossociais decorrentes do uso excessivo das mídias sociais - uma análise a partir da teoria de Bauman. *Revista Uningá Review*, 25(1), 117-123, jan./mar. Recuperado em 25 de abril de 2018, de <http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1730/1339>

Fortim, I., & Araujo, C. A. (2013). Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. *Bol. Acad. Paulista de Psicologia*, São Paulo, 33(85), 292-311. Recuperado em 20 de novembro de 2017, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v33n85/a07.pdf>

Greenfield, D. (2011). As propriedades de dependência do uso de internet. In: Young, K. S.; Abreu, C. N. *Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.

Guedes, E., Sancassiani, F., Carta, M. G., Campos, C., Machado, S., King, A. L. S., & Nardi, A. E. (2016). Internet Addiction and Excessive Social Networks Use: What About Facebook? *Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health*, 12, 43-48. Recuperado em 5 de maio de 2018, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27418940>

Haraway, D. & Kunzru, H. (2009). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Org. e trad. Tomaz Tadeu (2 ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Atlas Geográfico Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE.

Instituto DELETE. (2018). Recuperado em 10 de junho de 2018, de <https://www.institutodelete.com/home>

King, A. L. S., Nardi, A. E., & Cardoso, A. (2012). Nomofobia: Dependência do Computador, Internet, Redes Sociais? Dependência do Telefone Celular? O Impacto das Novas Tecnologias no Cotidiano dos Indivíduos. Editora Atheneu.

King, A. L. S., Valença, A. M., Silva, A. C. O., Baczynski, T., Carvalho, M. R., & Nardi, A. E. (2013). Nomophobia: Dependency on virtual environments or social phobia?. *Computers in Human Behavior*, 29, 140-144.

King, A. L. S., Valença, A. M., Silva, A. C., Sancassiani, F., Machado, S., & Nardi, A. E. (2014). "Nomophobia": Impact of Cell Phone Use Interfering with Symptoms and Emotions of Individuals with Panic Disorder Compared with a Control Group. *Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health*, 10, 28-35. Recuperado em 20 de junho de 2018, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3962983>

Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. São Paulo, Editora 34.

Latour, B. (2000a). *Factures/fractures: de la notion de réseau à celle d'attachement*. In André Micoud et Michel Peroni, Ce qui nous relie, éditions de l'Aube, La Tour d'Aigues, 189-208.

Latour, B. (2000b). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP.

Latour, B. (2001). *A esperança de Pandora*. Bauru, SP: EDUSC.

Latour, B. (2008). *Reensamblar Lo Social: uma introdución a la teoria del actor-red*. Buenos Aires: Manantial.

Lévy, P. (1993). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. (C. I. da Costa, Trad.). Rio de Janeiro: Editora 34.

Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

Lima, N. L., Moreira, J. O., Stengel, M., & Maia, L. M. (2016). As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, Minas Gerais, 9(1), 90-109,

jan./jun. Recuperado em 14 de fevereiro de 2018, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v9n1/v9n1a08.pdf>

Meneses, G. P. (2014). *Videogame é droga? Controvérsias em torno da dependência de jogos eletrônicos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo.

Moraes, M. (2003). A Psicologia como reflexão sobre as práticas humanas: da adaptação à errância. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 535-539. Recuperado em 14 de fevereiro de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19976.pdf>

Moromizato, M. S., Ferreira, D. B. B., Souza, L. S. M., Leite, R. F., Macedo, F. N., & Pimentel, D. (2017). O uso de internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em Estudantes de medicina. *Revista brasileira de educação médica*, Sergipe, 41(4), 497-504. Recuperado em 25 de março de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n4/0100-5502-rbem-41-04-0497.pdf>

Pedro, R. (2008). Redes e Controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial. In: *VII Esocite - Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias*. Rio de Janeiro.

Pirocca, C. (2012). *Dependência da internet, definição e tratamentos: revisão sistemática da literatura*. (Curso de Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Rio Grande do Sul.

PRO-AMITI. (2018). Recuperado em 10 de junho de 2018, de <https://www.proamiti.com.br>

Rosado, J. S., Jager, M. E., & Dias, A. C. G. (2014). Padrões de Uso e Motivos para Envolvimento em Redes Sociais Virtuais na Adolescência. *Interação em Psicologia*, Curitiba, 18(1), 13-23. Recuperado em 25 de março de 2018, de <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/28029/26178>

Sá, G. M. (2012). À frente do computador: a Internet enquanto produtora de dependência e isolamento. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 24, 133-147. Recuperado em 19 de novembro de 2017, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10761.pdf>

Santos, G. S., Tavares, C. M. M., Queiroz, A. B. A., Almeida, I. S., Pereira, C. S. F., & Ferreira, R. E. (2017). Mídia virtual como apoio aos adolescentes com doença crônica que buscam informação em saúde. *Av Enfermagem*, 35(2), 123-132. Recuperado em 25 de março de 2018, de <http://www.scielo.org.co/pdf/aven/v35n2/0121-4500-aven-35-02-00123.pdf>

Scheps, R. (1996). *O império das técnicas*. Campinas, São Paulo: Papyrus.

Spizzirri, R. C. P., Wagner, A., Mosmann, C. P., & Armani, A. B. (2012). Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. *Psicol. Argum.*, Curitiba, 30(69), 327-335, abr./jun. Recuperado em 10 de julho de 2018, de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23288/22361>

The Center Of Internet Addiction. (2018). Recuperado em 5 de Agosto de 2018, de <http://netaddiction.com>

Trindade, L. F. (2015). *Vida privada e mídias sociais: impressões da pós-modernidade*. [Tese de doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Tsallis, A. C., Ferreira, A. A. L., Moraes, M. O., & Arendt, R. J. (2006). O que nós psicólogos podemos aprender com a teoria ator-rede? *Revista Interações*, 12(22), 57-86, jul-dez.

Turkle, S. (1989). *O segundo EU – os computadores e o espírito humano*. Lisboa: Presença.

Turkle, S. (2012). *Conectado, mas só?* [Vídeo]. Recuperado em 20 de abril de 2017, de https://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together?language=pt-br#t-1023519

Venturini, T. (2009). *Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory*. Recuperado em 20 de abril de 2017, de http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso_venturini/Diving_in_Magma.pdf

Venturini, T. (2010). Building on faults: how to represent controversies with digital methods. In: *Public Understanding of Science*, 21(7), Forthcoming. Recuperado em 20 de abril de 2017, de http://www.medialab.sciences-po.fr/publications/Venturini-Building_on_Faults.pdf

Young, K. S. (1996). *Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder*. *CyberPsychology and Behavior*, 1(3), 237-244. Recuperado em 14 de março de 2018, de <http://www.netaddiction.com/articles/newdisorder.pdf>

Young, K. S. & Abreu, C. N. (2011). *Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.

Young, K. S. (2011). Avaliação clínica de clientes dependentes de internet. Capítulo 2 - In: Young, K. S. & Abreu, C. N. (orgs). *Dependência de Internet: Manual e Guia de Avaliação e Tratamento*, Porto Alegre: Artmed.

Young, K. S. Compulsive Surfing. *Netaddiction.com* (2012). Recuperado em 12 de setembro de 2018, de http://www.netaddiction.com/index.php?option=com_content&view=article&id=62&Itemid=85.

ANEXOS

ANEXO A – Tradução do Teste IAT

O IAT - Internet Addiction Test – desenvolvido por Kimberly Young é uma medida confiável e válida do uso aditivo da Internet. O teste consiste em 20 itens que medem o nível leve, moderado e severo do vício em Internet.

Para começar, responda às seguintes perguntas usando esta escala:

0 = Não se aplica

1 = Raramente

2 = Ocasionalmente

3 = Frequentemente

4 = Frequentemente

5 = Sempre

	Questões	Escala					
1	Com que frequência você acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?	0	1	2	3	4	5
2	Com que frequência você abandona as tarefas domésticas para passar mais tempo na internet?						
3	Com que frequência você prefere a emoção da internet à intimidade com seu/sua parceiro(a)?						
4	Com que frequência você cria relacionamentos com novo(a)s amigo(a)s da internet?						
5	Com que frequência outras pessoas em sua vida se queixam sobre a quantidade de tempo que você passa na internet?						
6	Com que frequência suas notas ou tarefas da escola pioram por causa da quantidade de tempo que você fica na internet?						
7	Com que frequência você acessa seu <i>e-mail</i> antes de qualquer outra coisa que precise fazer?						
8	Com que frequência piora o seu desempenho ou produtividade no trabalho por causa da internet?						
9	Com que frequência você fica na defensiva ou guarda segredo quando alguém lhe pergunta o que você faz na internet?						
10	Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre sua vida pensando em se conectar para acalmar-se?						

11	Com que frequência você se pega pensando em quando vai entrar na internet novamente?						
12	Com que frequência você teme que a vida sem a internet seria chata, vazia e sem graça?						
13	Com que frequência você explode, grita ou se irrita se alguém o(a) incomoda enquanto está na internet?						
14	Com que frequência você dorme pouco por ficar conectado(a) até tarde da noite?						
15	Com que frequência você se sente preocupado(a) com a internet quando está desconectado(a) imaginando que poderia estar conectado(a)?						
16	Com que frequência você se pega dizendo “só mais alguns minutos” quando está conectado(a)?						
17	Com que frequência você tenta diminuir o tempo que fica na internet e não consegue?						
18	Com que frequência você tenta esconder a quantidade de tempo em que está na internet?						
19	Com que frequência você opta por passar mais tempo na internet em vez de sair com outras pessoas?						
20	Com que frequência você se sente deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando desconectado(a) e esse sentimento vai embora assim que volta a se conectar à internet?						

Totalize as pontuações para cada item. Quanto maior sua pontuação, maior é o nível de dependência.

20 a 49 pontos:

Nível leve: Apesar da conexão ser extensa, mas você tem controle sobre seu uso.

50 - 79 pontos:

Nível moderado: Você está tendo problemas ocasionais ou frequentes por causa da Internet. Você deve considerar o impacto que tal uso vem ocasionando em sua vida.

80 - 100 pontos:

Nível severo: O uso da internet está causando problemas significativos em sua vida. Você deve repensar sobre o impacto da Internet em sua vida e abordar os problemas causados diretamente pelo seu uso da Internet (Conti et al., 2012).

ANEXO B – Site de apoio e tratamento para pacientes com Dependência de Internet



ANEXO C – Site sobre as consequências do uso excessivo da internet, com espaço para depoimentos e experiências a serem compartilhadas



ANEXO D – Site do Instituto DELETE: orientação à população sobre o uso consciente das tecnologias



